



CONTOS CÓSMICOS

CONTEMPLANDO
O COTIDIANO
CONTEMPORÂNEO

WILL MONTEATH



CONTOS CÓSMICOS

CONTEMPLANDO O COTIDIANO
CONTEMPORÂNEO



WILL MONTEATH

1ª EDIÇÃO

Copyright © Will Monteath, 2024

Contos cósmicos

Contemplando o cotidiano contemporâneo

Will Monteath

Diagramação:

Absinto Literário

Revisão:

Charles Monteath

Roberto Dieckmann

Ilustrações:

Stefano Lolli

Projeto Gráfico e Editorial:

3 Pulin

Absinto Literário

Monteath, Will,

Contos cósmicos contemplando o cotidiano

contemporâneo – 1ª Edição

Will Monteath, Florianópolis – SC: 2024

ISBN: 9798882599866

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

ÍNDICE

0.	PREFÁCIO CÓSMICO (MAS NEM TANTO)	6
1.	A GAROTA DA CAFETERIA	11
2.	À PROCURA DA POMBA PERFEITA	20
3.	CEM LHAMAS DE SOLIDÃO.....	31
4.	DRIVING MY CAT	40
5.	GRATIDÃO	50
6.	<i>IN LOVE</i> NO UBER	54
7.	<i>PETIT GÂTEAU</i> E SOLDADINHOS DE CHUMBO. 58	
8.	REFLEXÕES GASOSAS	68
9.	ROMANCE ENTRE MORCEGOS.....	76
10.	SIRIS DE SOBREMESA.....	85
11.	UM HOMEM SENTADO NO MEU SOFÁ.....	95
	OBRIGADO, <i>MERCI</i>	103

Dedicado à *Margot*. Magnífica cozinheira, apreciadora dos meus contos, e minha mãe.

0. PREFÁCIO CÓSMICO (MAS NEM TANTO)

Ao contrário da minha obra anterior, "Contos Antológicos para se Ler em Doses", que se caracterizou pela exploração de uma diversidade de universos e estilos literários com o objetivo de integrar antologias temáticas, esta nova coletânea de contos marca um retorno deliberado às minhas raízes e confortos literários. E, surpreendentemente, essa experiência tem se mostrado extraordinariamente gratificante. Questiono-me: por que buscar aventuras em um mundo assolado por perigos, violência e críticas, quando se pode desfrutar do aconchego do próprio quarto, envolto por um edredom suave, imerso na releitura de um livro predileto pela quarta vez? Com uma taça de vinho ao alcance na mesa de cabeceira, o cenário se completa de forma sublime, quase imaculada. Nem o temor mais profundo da lendária tribo gaulesa – o pavor de que o céu desabe sobre nossas cabeças – tem o poder de perturbar essa paz.

Chega de sair da zona de conforto. Chega de pensar fora da caixa. Não sabendo que era impossível, foi lá e soube. Não ter tantos desafios em algum momento da vida, às vezes, é tudo que precisamos. Agradeço o fato de ficar na minha caixinha escrevendo o que gosto: contos sobre realismo fantástico com finais abertos e que,

ocasionalmente, deixam meus leitores pensativos, intrigados e até mesmo irritados. Não é nada pessoal contigo, beleza?

Eu escrevo essa breve introdução enquanto reviso um conto e outro. Com exceção *do In Love no Uber*, que foi escrito em 2017, um conto curtinho que eu resolvi colocar aqui como uma espécie de espião da coletânea, todos os outros foram escritos entre 2022 e janeiro de 2024. Ao revisar os contos, mergulhei em uma profunda reflexão sobre o processo criativo que dá vida a essas narrativas. Como, afinal, um conto é concebido? John Lennon, com sua característica simplicidade e perspicácia, uma vez afirmou que compor uma música se resume a capturar uma cena do cotidiano e adorná-la com rimas. Essa ideia ressoa com uma verdade inegável: a arte de contar histórias muitas vezes brota do trivial, transformando o ordinário em extraordinário.

A criação de um conto, na minha vivência, segue um processo similar. Geralmente, tudo começa com uma cena trivial do dia a dia, à qual eu incorporo elementos únicos, tempero com referências culturais e derramo sobre o papel, brincando com ritmos e estruturas narrativas. O fascinante é que a direção inicial da história raramente é a mesma em seu desfecho. E é essa imprevisibilidade que confere aos contos sua beleza singular. Em algumas ocasiões, o conto demanda meses para atingir sua forma definitiva, evoluindo de maneira hesitante, como um siri alternando entre recuar e avançar de sua toca. Em outros momentos, a narrativa se apresenta a mim de maneira íntegra, como se

fosse psicografada por um ancestral literário das vidas passadas – uma figura afável e inventiva, ainda que nem sempre prudente, mas indubitavelmente generosa. Nessas instâncias, bastam algumas poucas horas para que o conto atinja sua plenitude.

Já vivenciei até mesmo o fenômeno de um conto dar origem a outro, num processo de mitose biológica (para os que se lembram das aulas de biologia). Por exemplo, enquanto trabalhava em “À procura da pomba perfeita” num café no Rio Tavares, me vi, sem mais, transitando para a criação de “A menina da cafeteria”. Este desdobramento ocorreu de forma espontânea, quase instintiva, em um autêntico processo de mitose, onde os contos, como células eucarióticas, repartiram suas palavras originando duas narrativas distintas.

Uma peculiaridade marcante desta coletânea é a origem do meu processo criativo, influenciado por uma sugestão do meu psicólogo. Com profundo discernimento, ele me aconselhou a escrever sempre que me sentisse angustiado. Sua orientação era simples: sempre que percebesse sinais de estresse se avolumando, deveria me dedicar à escrita, abordando temas leves e descompromissados. Creio que o intuito dessa prática seja utilizar a escrita como âncora, um meio de me reconectar com o momento presente, considerando que a concentração é essencial para escrever. Embora a leitura possa nos transportar para longe, a escrita tende a nos manter ancorados.

Decidi, então, canalizar minha ansiedade para a criação de contos. Optei por narrativas cósmicas, embora desprovidas de elementos espaciais convencionais. Não há menções a foguetes, planetas ou galáxias. Caso espere uma exploração do universo, peço desculpas por uma possível decepção, ainda que a capa e o título possam sugerir o contrário. O motivo da escolha desse tema permanece um mistério até para mim. Continuando, fiz um acordo com meu terapeuta de que ele seria o primeiro a ler cada conto concluído, compromisso que mantive fielmente.

Até o momento, permanece incerto para mim se ele realmente se debruçou sobre os contos que lhe enviei, uma vez que nunca teceu comentários a respeito. Caso tenha lido, pode ser que tenha me achado mais maluco do que a média, menos normal do que a mediana, ou mais insano do que a moda. Pode ser que ele tenha aproveitado insumos dos textos para tratar comigo esse ou aquele outro ponto. Existe a chance de ele ter utilizado os temas abordados nos textos como ferramentas terapêuticas durante nossas sessões, embora eu não saiba ao certo como ele interpretaria situações tão singulares como um gato alterado por um acidente, um eremita temporariamente residindo em minha casa ou uma inusitada epidemia de "gratidão" invadindo o ambiente de trabalho. Independentemente de sua reação, devo admitir que a proposta de canalizar minhas inquietações para a escrita literária foi extremamente benéfica, e por isso, me sinto agradecido. Gratidão (opsss).

Por fim, gostaria de compartilhar uma reflexão sobre um elemento crucial em uma coletânea: a seqüência dos

contos. Confesso que me deparei com um verdadeiro desafio ao tentar determinar a sequência ideal, similarmente à menina de um dos contos, que busca incansavelmente pela pomba perfeita — conto este que você vai ler logo no início, como o segundo da coletânea. Contudo, ao contrário da menina, não obtive sucesso em minha missão. Foi então que optei por uma abordagem experimental, arranjando-os alfabeticamente. Surpreendentemente, essa escolha mostrou-se acertada, e assim os disponibilizei. Estou ansioso por saber sua opinião: essa estratégia se mostrou eficaz? Um princípio que aprendi nas aulas de matemática inspirou essa decisão: “a ordem dos fatores não altera o produto”. Levou-me anos para encontrar um contexto prático para essa máxima matemática, e, embora não tenha sido da forma que esperava, estou feliz com o resultado.

Enfim, sem mais delongas, vamos ao que interessa. Contos cósmicos, que não são cósmicos, mas que contemplam o cotidiano contemporâneo da minha mente e que ainda não foram escritos por inteligência artificial. Um abraço e ótima leitura.

1. A GAROTA DA CAFETERIA

Estava sentado na cafeteria. Na mesma cafeteria que sempre frequentei, no bairro do Rio Tavares, tomando o mesmo café de sempre. Cappuccino italiano com adicional de canela.

A cafeteria encontrava-se quase deserta, com apenas eu e um homem trajando roupas sociais, ambos imersos em mundos próprios, situados em extremos opostos. Em meio ao ambiente tranquilo, eu apreciava a arte de não fazer nada enquanto degustava o meu café. Optava por não utilizar nenhum dispositivo tecnológico ou mergulhar em leituras. Embora seja um amante dos livros, reservava o horário do café para uma prática contemplativa, uma espécie de *mindfulness* – a aclamada ferramenta predileta dos *coachs* digitais. Ao que tudo indica, já vinha adotando essa prática intuitivamente, sem sequer estar ciente do termo. Para não afirmar que minha mente estava completamente vazia, ao saborear o café, concentrava-me em direcionar meu foco para apreciar suas nuances através das papilas gustativas, especialmente o sabor adocicado e amadeirado da canela, com suas impressões cítricas.

Pois bem. Eu estava lá, sem pensar em nada. Apenas focando na temperatura do líquido ao passar pela minha garganta e em como meus sensores de sabor reagem às suas

essências. Sem ler, sem nenhum *gadget*, sem nada, praticamente um psicopata. Foi quando, de forma abrupta, minha atenção foi capturada por uma presença inesperada. Uma jovem desconhecida surgia diante de mim. Uma ruiva, aproximadamente vinte e cinco anos, trajada inteiramente de preto. Seu figurino compreendia uma *legging* preta e um moletom preto adornado com um delicado desenho de uma caixinha de música. Num dia de verão, o clima abafado contrastava com sua escolha de vestuário, divergindo muito do estilo do executivo imerso em seu notebook, que ostentava uma camiseta branca lisa e uma calça caqui de tecido fino.

Meu *mindfulness* foi para o espaço sideral quando ela entrou. A música ambiente que tocava uma bossa nova instrumental, pareceu aumentar de volume, e voltou a estabilizar conforme ela ostentava passadas firmes por entre as mesas da cafeteria. Uma mulher determinada.

E foi aí que aconteceu uma coisa absurda. ABSURDA, repito, em maiúsculo.

Ela andou na minha direção e se sentou na mesa que eu ocupava. Isso mesmo que você leu: na minha mesa, na cadeira bem em frente da minha. Como assim? Com tantas mesas vazias, por que se sentar logo na minha? O que ela queria comigo?

Achei o fato de uma gravidade descomunal. Sempre considere um ato absurdo, desrespeitoso, interromper um ser humano que contempla o nada. Abalar o ócio alheio deveria ser incluído na lista de pecados capitais.

Eu estava nervoso, me sentindo invadido, mas não queria ceder. Não seria o primeiro a falar. Ignorei sua presença e continuei tomando meu café, fingindo que nada estava acontecendo. Tratava de evitar qualquer contato visual, mesmo me corroendo por dentro, como se parasitas devorassem meus órgãos internos. Podia sentir a quentura do olhar da ruiva me fitando. Eu derretia naquela cafeteria.

Conseguimos manter a competição por cerca de uns três minutos, e confesso que fiquei aliviado quando ela disse a primeira palavra, me tornando um campeão do jogo da “Vaca Amarela”, no qual o primeiro a falar é eliminado e insultado. Vocês sabem, né? Enfim... fui o vencedor e, no caso, a palavra que a fez ser derrotada foi:

– Oi.

– Oi – respondi, virando o rosto com calma para o primeiro contato visual. Parecia uma cena clichê de novela mexicana em reprise.

Seu rosto era delicado e os cílios longos. A boca era pequena, como de uma gueixa. A pele tão clara que era possível ver, além das pintas típicas das ruivas, pequenas veias verdes circularem pela testa. Apesar da delicadeza, o olhar passava um tom imperioso.

– Seu café tem cheiro de canela.

– Sim. Eu peço com dose extra de canela – respondo e dou mais um gole enquanto volto a observá-la.

Ela parece ser ruiva natural. Posso dizer pela raiz do cabelo, pelas pintas no rosto e pela sobrancelha também

avermelhada. Ou isso, ou ela se esforça muito para se parecer a uma ruiva natural.

– Eu não gosto de canela – diz a ruiva natural, ou que se esforça muito para se parecer a uma ruiva natural.

– O problema é seu – respondo, malcriado.

Ficamos mais um tempo em silêncio. Diria que mais uns dois minutos. Ainda tinha um resto de café na xicara que já estava em temperatura ambiente. Entretanto, eu não estava disposto a dar o último gole para finalizar o café. Sempre acontece alguma coisa depois que o café acaba e, naquele momento, eu estava com receio do que estava por vir. O futuro poderia ser sombrio. O inverno poderia chegar antes da hora.

Foi quando o garçom passou e perguntou se queríamos algo. Para o garçom parecia muito natural duas pessoas uma na frente da outra. Afinal, é a configuração mais clássica quando falamos de disposição em uma cafeteria. Ele pode ter achado que éramos amigos, ou um casal, ou empresários discutindo o orçamento de uma empresa *startup* de tecnologia, ou qualquer coisa. Não pareceu nenhum momento suspeitar que éramos dois estranhos, sendo um deles com sua intimidade invadida, com seu ócio desrespeitado, atirado às traças.

A ruiva pediu um cappuccino.

– Sem canela, por gentileza. Eu não gosto de canela – fez questão de frisar, talvez apenas para me provocar.

Será que ele anotaria tudo numa única comanda? Estaria eu a financiar o café da mulher que se sentou na minha frente sem o meu consentimento?

– Para mim mais um cappuccino italiano, com a dose extra de canela – pedi para não ficar para trás.

Não é do meu feitio repetir o café matinal, porém, senti a necessidade de fazê-lo para continuar firme no jogo. Assim ganharia tempo até me preparar para a próxima jogada. Meus bispos e minhas torres estavam intactos e atentos para defender o rei.

– Ontem foi o meu aniversário – disse a ruiva.

– Parabéns – respondo, blasé.

– Eu não ligo muito para aniversários. É só mais um dia.

Respondo com os olhos algo como “tanto faz” e giro a xícara com o gole que resta do café que não tomarei.

O garçom chega com os novos cappuccinos. “Sem canela para a madame, e com canela extra para o amigo.” – diz o simpático garçom, prestativo, que quase nunca erra os pedidos, e que provavelmente anotou tudo numa única comanda. Nós dois agradecemos uníssonos.

A ruiva segurou o café com as duas mãos e o sorveu ainda quente. Ela parecia saber o que estava fazendo. Ao sorver o café, a bebida é pulverizada na boca, fazendo o líquido entrar junto ao ar, o que ativa as papilas gustativas da língua, aumentando a percepção de sabores.

– Bom – ela elogia num tom sério, como uma sommelier de cappuccinos sem canela.

Repito o olhar de “tanto faz”, percebendo que minha má educação forçosa veio como defesa à ruptura do meu precioso ócio. Foi então que escutei um pedido um tanto peculiar.

– Me fale da sua avó paterna.

Quase me engasguei. Com o cappuccino entalado na garganta, respondi:

– O quê?

– Isso mesmo que você ouviu. Me fale da sua avó paterna.

– Não vou falar da minha avó paterna. Por que falaria?

– Te entendo. O pedido pode parecer meio estranho mesmo. Mas... por favor. É importante para mim. Você poderia falar da sua avó paterna? Por favor – repete a suplica me encarando com olhar pidão. Seus olhos sabiam fazer um ótimo olhar pidão.

– Minha avó paterna faleceu há mais de vinte anos.

– Eu sei.

– Como assim você sabe?

– Quis dizer... eu imaginei. É normal na nossa idade já não termos mais a presença dos avós.

Interessante ela ter usado o termo “nossa idade”, estando eu próximo aos quarenta. Tomei como elogio e cedi:

- E o que você quer saber sobre minha avó?
- Qualquer coisa. Fale qualquer coisa.

Foi quando comecei a recordar da minha avó. Ela era uma boa mulher. Carinhosa, divertida, boa cozinheira. Me chamava de uns apelidos engraçados, típicos da cidade onde ela nasceu no sul do país. Gostava de contar umas histórias do folclore local, algumas que me aterrorizaram por anos, como a lenda do minhocão – uma espécie de serpente monstruosa com língua de fogo que morava na lagoa da cidade e que perseguia crianças malcriadas. Enquanto pensava na minha avó, ia soltando palavras que pareciam ser devoradas com atenção máxima pela mulher ruiva, de quem nem o nome eu sabia.

Falar da minha avó paterna ativou algo dentro de mim que não soube bem explicar. Só sei que comecei a falar sem parar, a entregar histórias e sentimentos com um nível de detalhes que não imaginava recordar. E a mulher na minha frente não piscava um olho. Que tremenda ouvinte estava ali, cem por cento atenta e presente. Seria ela uma psicóloga com a capacidade de atenção plena bem apurada?

Confesso que não percebi o momento que ela se comunicou com o garçom, mas sei que na mesa chegou uma porção de pão de queijo, brioche, manteiga e uns croissants. Enquanto ela comia e esparramava manteiga sem desgrudar os olhos dos meus, percebi uma certa emoção quando comecei a detalhar o amor da minha avó pela culinária. Contei que era especialista em fazer arroz de carreteiro, e o preparava com a carne bovina bem picada que sobrava do churrasco, além de linguiça e tomate. Fazia tudo refogado

em bastante gordura, sempre caprichando nos temperos. O cheiro-verde salpicava com fartura para dar o toque final. As lágrimas caíam com discrição dos olhos da ruiva, que já havia dado conta de finalizar todos os carboidratos da mesa.

Interrompi minha narrativa para perguntar se estava tudo bem.

– Então é isso. Agora eu tenho certeza – disse ela, convicta, enxugando as lágrimas com o guardanapo.

– Certeza do que?

– De que eu te conhecia. Eu sabia que eu te conhecia desde o momento que te vi entrar na cafeteria.

– Desculpa, mas eu não tenho a impressão de ter te visto antes. Sou bom em reconhecer e guardar fisionomias.

– Mas eu te conheço – afirmou, plena.

– Você me conhece ou conheceu a minha avó? Ou as duas coisas?

– É muito mais do que isso.

– O que é então?

A ruiva respirou fundo e soltou algo que eu não estava preparado para escutar:

– Eu sou a sua avó!

– Ahn? – respondi incrédulo, tentando digerir o absurdo que havia escutado.

– É isso mesmo. Eu sou a sua avó. Sua avó paterna. Obvio que não nessa encarnação, porém na última.

– Na última?

– Sim, sou muito sensível a esse tipo de coisa. Fiz uma regressão e consegui enxergar quatro gerações para trás. Na última, fui uma senhora de família aqui do Sul, que amava cozinhar. E adivinha qual era a minha especialidade? Isso mesmo: arroz carreteiro, com cheiro-verde como toque final.

– Você tem certeza disso?

– Absoluta. E estou feliz por encontrar o meu netinho.

– E por acaso você consegue lembrar do seu nome na última encarnação?

– Lembro sim – afirmou, resoluta.

– Maria Eugênia, não é mesmo?

– Exatamente. Maria Eugênia. Fui muito feliz sendo a Maria Eugênia. Obrigado por ser parte importante da minha vida. Agora preciso ir, é muita coisa para digerir. Adeus, meu neto.

A mulher ruiva se levantou, passou a mão no meu cabelo como num afago de vó e, assim como entrou decidida, saiu sem olhar para trás.

Obviamente a conta ficou comigo. O cappuccino sem canela e todos os pães foram parar na minha comanda. E tudo bem. Minha avó teria ficado feliz de ter sido convidada para um café da manhã pelo neto mais querido, pena que ela se chamava Ignácia.

2. À PROCURA DA POMBA PERFEITA

Quando Maria Emília completou dez anos, finalmente ganhou a câmera Polaroid que tanto almejava. Ela estava há meses roendo as unhas das mãos. Não que fosse uma grande entusiasta de fotografia, mas a câmera era parte de algo maior, de um plano que reinava em sua mente ocupando lugar de destaque, como a cadeira mais bonita do salão imperial. Ela abriu um sorriso discreto ao desembulhar a Polaroid, coisa rara, que se esvaneceu rápido como comida de peixe de aquário. Maria Emília tinha muito trabalho a fazer. Sua mãe ficou feliz em ver a reação da filha. Aquele instante de felicidade fez valer a pena o sacrifício feito para adquirir a câmera. Todas as horas extras na loja de calçados se pagaram naquele instante perfeito.

No dia seguinte, ao se preparar para a escola, a menina acomodou a câmera na mochila, cuidadosamente envolta em um pijama velho, para protegê-la de danos e arranhões. Maria Emília quase não conseguia prestar atenção nas aulas e roía qualquer pequena pele que aparecesse nos dedos. Ao soar o alarme anunciando o final da aula, jogou tudo com pressa na mochila e foi a primeira a atravessar os portões, partindo em direção à missão que ela própria se impôs. Sabia que não possuía muito tempo.

O combinado com a mãe era de que voltasse direto da escola pra casa para almoçar, sem qualquer parada adicional. O prato feito ficava na geladeira e cabia a Maria Emília esquentar no micro-ondas, lavar a louça e usar a parte da tarde para as lições de casa até que sua mãe chegasse. E, assim, vinha sendo a rotina da menina. Quando os afazeres estavam completos, ela tinha autorização da mãe para assistir televisão, mas Maria Emília preferia ler ou desenhar. Era fã de Harry Potter e estava se especializando em desenhar animais, sobretudo, aves.

Naquele fatídico dia, descumpriria o trato. Atrasaria, segundo suas contas, trinta minutos para o almoço. Para tanto, era necessário não desperdiçar um único minuto na saída do colégio.

Maria Emília saiu sem cumprimentar ninguém e caminhou a passos firmes até a praça Edmundo Bitencourt, no Bairro Peixoto, um bairro não oficial cravado no coração de Copacabana. Ali ela poderia encontrar uma quantidade suficiente daquela espécie pela qual estivera obcecada: o pombo. Precisava capturar sua essência, sua alma. O olhar sonso, as penas vistosas, os pés ligeiros, muitas vezes mutilados. A malandragem da ave acostumada a sobreviver na cidade grande, na selva do asfalto, resistindo a diversas armadilhas cotidianas. Crescendo e multiplicando a espécie, tal qual ordenou o Deus Pombo.

Uma primeira foto. A revelação automática a deixou eufórica, porém, a foto não saiu do jeito que ela queria, assim como a segunda. Era a primeira vez que usava uma Polaroid, estava ainda pegando o jeito. A terceira foto saiu

razoável. Bem enquadrada, pelo menos. Por outro lado, o pombo não era o melhor exemplar disponível. Parecia uma alma jovem demais para o impacto que a menina buscava causar. Continuou a sessão até dez fotos, o limite de seu primeiro filme.

Com a sensação de dever cumprido, voltou para casa correndo com a mochila nas costas. Cumprimentou o porteiro do prédio e rezou para que ele não entregasse o atraso para sua mãe. Subiu os onze andares do elevador recuperando o fôlego da corrida e se encarando no espelho, assustada e ao mesmo tempo, orgulhosa do seu reflexo. Aquela menina tímida havia por fim saído da inércia, dando um grande passo. O pontapé inicial de algo grandioso.

Em casa, esquentou o estrogonofe com arroz e batata palha no micro-ondas, e fez a refeição ao mesmo tempo que finalizava o dever de casa, um estudo sobre as capitais de diferentes países. Com Bogotá na Colômbia e Bruxelas na Bélgica, a menina finalizou a lição e partiu para uma avaliação criteriosa das fotos. Das dez, três saíram tremidas e duas os pombos não serviam – eram jovens demais. Sobraram cinco. Dois deles foram eliminados pois não exibiam as penas coloridas no pescoço. Ela precisava que houvessem penas coloridas, sobretudo verdes e roxas, as cores clássicas do mais precioso pombo carioca. Sobraram três.

A menina passou a tarde avaliando as três fotos finalistas. Criou uma lista de prós e contras de cada pombo. Fez um desenho de um pódio com três lugares e ficou alternando o resultado para ver qual ave combinava melhor

com o lugar mais alto. Testou todas as combinações possíveis, mas estava muito difícil decidir. Pediu a opinião de Albus, seu velho urso de pelúcia, que se manteve neutro perante as possibilidades. Parecia não querer se comprometer. Ao escutar o barulho da chave na fechadura, escondeu as fotos embaixo do travesseiro antes que sua mãe entrasse no quarto. Ficou aliviada ao perceber que o comportamento da mãe estava normal, como sempre, o que a fez assumir que o porteiro evitara a denúncia.

Com a mãe, cumpriram juntas a rotina noturna. Jantaram cachorro quente e assistiram a novela enquanto comentavam as cenas. Maria Emília escovou os dentes e foi para a cama para ser coberta e acarinhada pela mãe, que lhe deu o tradicional beijo na testa junto ao desejo de “boa noite, sonhe com os anjos, que Arcanjo Miguel te proteja”. A mãe apagou a luz do abajur e deixou o quarto. A menina buscou a lanterna na gaveta da mesinha de cabeceira e voltou a avaliar as fotos. Albus, novamente, optou pelo silêncio, não ajudando na batida de martelo. Urso inútil. Foi então que Maria Emília concluiu que precisava de novas fotos. Nenhuma delas estava exatamente do jeito que imaginara.

No dia seguinte, após o colégio, Maria Emília repetiu a aventura. Avançou com a câmera embrulhada no pijama até a praça Edmundo Bitencourt. Havia pouco tempo e era o seu último filme de dez fotos. Ela precisava ser rápida e precisa. Se posicionou ao lado da carrocinha de pipocas, onde a quantidade de pombos era farta, e começou a missão. Para não tremer na hora de disparar o obturador, segurava a respiração. Tratava também de tirar fotos individuais,

apenas um pombo por enquadramento. Evitou as espécies desprovidas de penas roxas e verdes. Evitou também as aves mais jovens, ainda no começo da grande jornada. Caprichou na escolha do ângulo ideal, assim como na iluminação correta. Satisfeita, saiu com dez boas fotos para uma nova seleção durante a tarde.

Avançou correndo para casa, cumprimentou o porteiro com um olhar de “obrigada por não contar para minha mãe e por favor não conte novamente” e subiu os onze andares se encarando no espelho, bufando, descomprimindo, e pensando que a nova sessão havia sido deveras mais promissora. No apartamento, devorou novamente o almoço junto ao dever de casa: rabiscou de qualquer jeito uma redação sobre os hobbies favoritos, no qual fez dois parágrafos, um sobre fotografia e o outro sobre desenho. Não podia perder tempo. Precisava se concentrar na escolha do pombo perfeito.

Maria Emília colocou as dez fotos em duas fileiras de cinco em cima da cama. Ficou as encarando por algum tempo, tentando ver se alguma saltaria aos seus olhos como a grande vencedora. Realmente a nova sessão havia ficado melhor, entretanto, nenhum pombo poderia ser eleito com grande vantagem sobre os demais. Eles estavam muito equilibrados. Ela partiu para um processo de eliminação dos pombos, numa espécie de Big Brother das aves. Pegaria o voto de cada pombo para suprimir um participante por vez, até sobrar o campeão. Ela e o urso Albus também teriam direito ao voto.

E assim a tarde foi passando, num processo alongado e dolorido. Em cada episódio do Big Pombo Brasil, as aves tinham a oportunidade de justificarem seus votos. Intrigas e polêmicas não faltaram, além de complôs para se eliminar algum determinado participante. Os votos eram bem pensados e os discursos, às vezes, carregados de inveja. Uma pena roxa aqui, outro bico curto ali, um pombo fora da estética padrão. Em cada rodada, uma foto era eliminada, indo parar na gaveta da mesinha de cabeceira. Na última rodada, ficaram três fotos em cima da cama. Era um momento tenso, porém excitante, no qual Maria Emília e Albus teriam papel chave na decisão.

Eram três os finalistas, que acabaram por ganhar nomes. Jaime era um pombo magro, de olhar assustado, que aparecia na foto desviando do pé do pipoqueiro. Renata era uma pomba sedutora, confiante, com penas verde esmeralda no pescoço e bico bem alaranjado. E Nelson era um pombo branco, com penas marrons claras na sua asa e cara de tranquilo, que vivia em paz, capaz de se relacionar com bem com todos os companheiros. E após longos discursos com justificativas inimagináveis, Nelson foi eleito campeão. Porém, em seu discurso de agradecimento, abriu mão do prêmio. Ele não suportava a fama. Decidiu repassá-lo para Renata, que ficou emocionada com a atitude e prometeu representar a espécie da melhor maneira possível. A foto escolhida era a da pomba Renata, tirada de lado, ressaltando o peito estufado e o pescoço colorido em tons esverdeados. Maria Emília não poderia estar mais contente. Agora, em posse da foto vencedora, ela poderia passar para a segunda fase da missão.

Naquela noite, a mãe chegou em casa e encontrou filha com ótimo humor. Jantaram pizza, assistiram a novela e, como gostavam de fazer, comentaram todas as cenas possíveis. Após o beijo na testa de “boa noite, sonhe com os anjos, que Arcanjo Miguel te proteja”, Maria Emília esperou alguns minutos para acender o abajur. Era chegada a segunda etapa do seu plano. A menina buscou lápis, borracha, papel e prancheta. Apoiou a foto da pomba vencedora no prendedor, e deu início a um minucioso processo de captação da essência da pomba Renata, que começaria com rascunhos.

Foram algumas folhas e muitos traços até que Maria Emília começasse a pegar o jeito. Ela gostava de desenhar deitada na cama, com a prancheta apoiada contra os pequenos joelhos magricelos. Gastou muitos papéis e quase uma borracha inteira nos primeiros esboços. Quando se irritava por achar que não estava indo bem, dava uma pausa para apontar o lápis. Foram necessárias sete noites de trabalho, uma caixa de papel Chamex, três borrachas, e quatro lápis até que o primeiro esboço estivesse do jeito que ela imaginara. A essência da pomba estava lá, capturada entre os traços a magnitude da ave que aprendeu a sobreviver na selva de pedras. O peito arqueado era proeminente, assim como o olhar imperioso e dominante. Foi uma noite e tanto, capaz de fazer a menina dormir o sono dos justos. Porém, o plano ainda não estava completo.

Os próximos dias foram dedicados ao contorno e à pintura. O contorno precisava ser preciso. Foi feito em uma noite com uma caneta nanquim que ela ganhara de Natal. A

pintura foi feita com toda a calma, de baixo para cima, durante cinco dias. Patas, corpo, asas, cabeça, olhos e o bico. A parte do pescoço foi feita com tanto esmero que as penas pareciam estar saltando. Maria Emília, que era extremamente exigente consigo mesma, ficou satisfeita com o trabalho logrado. Achou que a pomba Renata ficaria satisfeita caso visse o seu retrato. Impregnada por uma sensação nova para ela, um sentimento de orgulho, a menina olhou para a pomba e exclamou: “arrulha”.

Em sua cabeça, a pomba respondeu: “cruu cruu”.

Missão cumprida. Agora a pomba precisava descansar. O desenho recente precisava maturar dentro da gaveta da mesinha de cabeceira para as cores se fundirem da maneira perfeita. E, aí sim, Maria Emília poderia exibi-lo para a mãe.

Os próximos vinte dias seguiram a rotina normal, como havia de ser. Escola, almoço esquentado, louça lavada, lição de casa, a espera pela mãe, a novela, a conversa, e o beijo de boa noite. Toda noite após a saída da mãe do quarto, Maria Emília dava uma espiada para haver se a pomba Renata já havia maturado o suficiente. Até que, naquela noite, o coração acelerou ao perceber que a ave estava pronta. Chegara a hora da exibição, porém, isso aconteceria no dia seguinte. A menina mal dormiu. Nervosa, imaginava qual seria a reação da mãe. Ficaria surpresa? Feliz? Triste? Chateada pela menina ter saído para fotografar a pomba? Será que a mãe perceberia que o desenho foi baseado numa foto? Imaginou aquela cena um milhão de vezes, com diferentes cenários.

Na escola o tempo não passava. Os números e letras fluíam na estratosfera como poeira estelar. Os professores falavam e suas bocas se mexiam em câmera lenta, como numa viagem de ácido. O elevador parecia subir os andares do *Empire State Building* e almoço demorou quase uma hora para ser esquentado no micro-ondas. Sua mãe, sua belíssima e tão amada mãe, demorara quase um ano e meio para chegar em casa naquela tarde.

Finalmente, minutos antes da novela começar, Maria Emília chegou com o braço atrás das costas. Tomou coragem e falou:

– Mãe. Preciso te mostra um negócio que eu fiz. Deu um trabalhão.

– Claro, filha. Me mostra!

O braço trêmulo saiu de trás do corpo magro e o desenho foi exibido para a mãe com Maria Emília o segurando com ambas as mãos.

– Filha, que coisa mais linda. O pombo está perfeito.

– É uma pomba, mãe. Ela se chama Renata.

A mãe sorriu.

– Claro que é uma pomba. Como não pude perceber? Está perfeito, filha. Tenho certeza que você vai ser uma grande artista. Ficou lindo demais.

A filha sorriu um sorriso gentil, voltou para o quarto para guardar a pomba Renata na gaveta, e voltou à sala para assistir à novela. Em seu coração, uma mistura de sentimentos. A reação da mãe havia sido boa, talvez não

maravilhosa, mas, em geral, satisfatória. De qualquer maneira, se sentiu um pouco vazia. Conforme a novela passava, foi entendendo que esperava mais. Havia gerado elevadas expectativas. Pensou em exibir o desenho novamente para ver se conseguia alcançar o que esperava, mas resolveu deixar pra lá. Melhor assim.

A pomba Renata ficou esquecida na gaveta por uns dias, sem que Maria Emília a vigiasse. Com o tempo o coração da menina foi se aquietando, até que aquele assunto, que era tão grande, se encolheu para ocupar um espaço minúsculo nos pensamentos da menina. Ela quase não pensava mais em pombos, pombas, fotografias e desenhos. Passava a tarde afundada nos livros do Harry Potter, relendo a saga pela oitava vez.

Um dia, na saída da escola, Maria Emília tomou um susto ao encontrar a pomba Renata em cima de um hidrante, perto de um vendedor de churros. Era ela – a menina tinha certeza. Só podia ser ela. Aquele peito estufado, o olhar determinado, dominante, aquelas penas verde esmeralda, o bico alaranjado, não havia outra. Só podia ser a própria: a inigualável pomba Renata. A menina sorriu. A pomba fez “cruu cruu” e saiu voando. Maria Emília voltou correndo para casa. Pulou bueiros, desviou de um cachorro, atravessou as ruas acelerando entre muitas idosas de Copacabana e subiu correndo a escada, pois não estava disposta a esperar o elevador.

A menina entrou em casa e foi direto para a mesa de cabeceira. Abriu a gaveta e não encontrou o desenho da pomba. Ficou nervosa, assustada. O que poderia ter

acontecido? Quem teria interesse em uma pomba como aquela? Talvez muita gente. Talvez ninguém. Maria Emília estava confusa. Precisava se acalmar. A menina atravessou o corredor de casa até a cozinha para buscar água. Foi então que teve uma grande surpresa. Seu desenho estava emoldurado e pendurado no corredor. A mãe havia escolhido a moldura perfeita para a pomba perfeita.

“Arrulha” – disse Maria Emília.

“Cruu cruu” – respondeu a pomba Renata.

3. CEM LHAMAS DE SOLIDÃO

Encontrava-me em um período de introspecção, refletindo sobre meus próximos passos após deixar meu último emprego. Ainda não tinha clareza se deveria retornar para outra jornada corporativa ou me arriscar em algum empreendimento. Tinha um pouco de receio de empreender, vide tantas histórias de insucesso. Outra possibilidade seria tentar uma nova profissão, algo que pagasse bem e que não exigisse uma carga emocional severa. Poderia também ser artista. Músico, quem sabe? Sempre achei o piano elegante, mas tinha uma queda significativa pelo violoncelo.

Meu pensamento utópico era processado em um hotel no alto da serra, a 1500 metros de altitude, onde se era possível se transpassar um mar de nuvens a pé, simplesmente caminhando pelo gramado. O hotel possuía três lagos magníficos, uma estufa agrícola com as melhores rúculas que já comi e um cachorro *border collie* que, com um mínimo esforço, poderia ser o seu melhor amigo durante a hospedagem. No meu caso, que estava viajando sozinho, não poderia pedir mais. Sobre a névoa densa, o maior perigo era o de se pisar acidentalmente em um sapo durante a andança, sobretudo à noite. Os sapos, robustos, marcavam

presença em grande quantidade nos contornos dos lagos. Eu contei mais sapos do que abelhas.

O café da manhã estava esplêndido. Café fresco, ovo na casquinha, pães de fermentação natural e queijos serranos. Ao degustar o mais aveludado dos chocolates quentes para finalizar o banquete, fui convidado por um dos funcionários para alimentar os filhotes de lhamas. “Alimentar filhotes de lhama? É pra já” – pensei, radiante. Junto a outros hóspedes, fui parte de um ritual fofo onde filhotes de lhamas eram alimentados com mamadeiras enquanto ouvíamos curiosidades sobre essa espécie de camelo do novo mundo. Como alguém apegado as estatísticas, fiquei satisfeito em saber que elas são ranqueadas, segundo o Animal Planet, como o oitavo animal mais irritável do mundo. E, que, quando importunadas, cospem uma substância fedorenta em direção ao seu *bullier*.

Precavido para não irritar nenhuma lhama e feliz com a experiência, deixei o local para me direcionar até a piscina de borda infinita com vista para um dos lagos, o maior deles. Pensei em pedir um drink desses bonitos com canudo e enfeite de cereja maraschino, mas fiquei sem graça de beber antes do meio-dia.

O dia prosseguiu maravilhosamente bem. Almocei trutas ao molho de amêndoas, bebi duas *piñas coladas*, peguei no sono de tarde lendo o meu livro do Gabo, desfrutei da companhia do meu melhor amigo *border collie* e jantei um cordeiro assado por muitíssimas horas em um fogão a lenha. O cordeiro desmanchava na boca e

harmonizava perfeitamente com um vinho Syrah da própria serra. A vida era boa pra mim. Caminhei de volta, do restaurante para o chalé, com muita atenção para não esmagar um anfíbio coaxante de pele rugosa. Cheguei com sucesso ao meu chalé, o de número 12, com uma varanda aconchegante e fechada com vidro para proteger do frio.

Entro no chalé, pego o meu livro, um cachecol, uma garrafa de vinho que estava aberta pela metade no frigobar e retorno para a varanda envidraçada. Me sento relaxado na cadeira de madeira acolchoada com pele de ovelha. Estava avançando bem na releitura de Cem Anos de Solidão quando vejo um vulto se aproximar. Arregalo os olhos com a possibilidade de ser um animal selvagem. Quando o bicho chega mais perto, vejo se tratar de uma lhama. Uma lhama preta, esguia, sem um único pelo de qualquer outra cor que não fosse preto. Seus olhos eram cinza esverdeados e possuíam um limiar tênue entre um quê julgador ou debochado. Ela tinha algo amarrado no pescoço, uma espécie de cachecol, que, coincidentemente, remetia ao que eu estava usando. Não lembrava de ter visto uma lhama como aquela na minha incursão matinal ao estábulo-materno-lhamal, mas tudo certo, afinal, elas estavam espalhadas pelo hotel.

A lhama ficou parada me encarando, ao ponto de sua respiração embaçar levemente o vidro. Apesar de considerado um animal pacífico, fiquei receoso de abrir a porta, sobretudo com a história do cuspe asqueroso. Sem saber muito o que fazer, resolvi perguntar:

– Está tudo bem?

A lhama piscou.

– Você está com frio?

A bicha piscou duas vezes, o que me deixou intrigado.

– Humm... por acaso, você quer dizer que uma piscada é sim e duas quer dizer não?

Mais uma piscada, dessa vez mais prolongada. Concluí que seu olhar era mais sarcástico do que julgador.

– Então quer dizer que você entende o que eu estou falando?

Ela voltou a piscar uma única vez.

No começo levei na brincadeira, mas depois achei que pudesse ser sério. “Olha só que pitoresco! Uma lhama com a capacidade cognitiva desenvolvida”.

– Então já que estamos conversando, vamos ver se você é boa conselheira. Você acha que eu devo buscar um novo emprego?

A lhama piscou duas vezes.

– Também acho que não. Deveria empreender?

Novamente duas piscadelas.

– Ou, quem sabe, me dedicar a música?

Uma única piscada.

– Hummm, músico então, não é mesmo? E você me vê mais conectado com o piano ou com o violoncelo?

A lhama me encarou com seriedade, como se me chamasse de idiota apenas com o olhar.

– Perdão – digo, com um certo constrangimento. – Você consegue se comunicar com sim ou não, porém, com respostas de múltiplas opções, a coisa complica. Que indelicadeza da minha parte.

Continuou séria.

– Mudando de assunto... E sobre Gabo? Gabriel Garcia Marques? Você gosta?

Uma piscadela.

– Olha só, quem diria. E você sabia que Gabriel Garcia Marques escreveu Cem Anos de Solidão no México entre 1965 e 1967 durante todos os dias, das nove da manhã até as três da tarde? Obstinado esse rapaz, não?

Mais uma única piscada.

– Que sorte a minha encontrar uma lhama com bom gosto. Não sabia que vocês, lhamas, se interessavam por literatura. Ainda mais sobre esse livro, que não mostra nenhuma lhama entre os Buendía, em Mocondo.

– Macondo – ela tossiu. – Seu burro.

– O quê? Você fala?

A lhama continuou me encarando com o olhar fulminante.

– Não é possível. Você fala?

A bicha devolveu duas piscadas.

– Fala sim, eu ouvi perfeitamente você falar o nome da cidade fictícia onde o livro é passado. Macondo. Macondo e não Mocondo. A senhorita está certíssima. Além disso, escutei um breve insulto, que vou relevar.

Ela baixou a cabeça e voltou a levantar, demonstrando uma leve irritação.

– É verdade essa história de que quando vocês lhamas perdem a paciência vocês cospem?

Um pisque.

– Sei... e quer saber? Isso é papo pra boi dormir, não compro essa história barata. Ao meu ver, vocês cospem por puro sadismo. Lhamas bárbaras e sádicas.

A lhama deu meia volta e começou a se afastar.

– Ei, espera. Desculpa, eu não queria te ofender. É brincadeira. Sobre a possibilidade de eu me tornar músico...

Enquanto eu falava, ela se afastou até que desapareceu no breu da serra. Fiquei um tempo digerindo o que acabara de acontecer. Girava a taça de vinho, ponderando se o que havia presenciado era mera coincidência ou simplesmente fruto da minha imaginação. O ar rarefeito, aliado à significativa quantidade de álcool consumida ao longo do dia, provavelmente havia turvado meu senso de realidade. Sem contar a imersão no livro do Gabo que tratava de tapetes voadores, padres que levitam, pestes que causam insônia e crianças que comem terra. Muito oportuno uma lhama falante chegar justo durante a leitura do clássico latino americano. Matei o vinho e fui dormir pensando no olhar esverdeado do animal, assim

como em seu cachecol quadriculado em cinza e azul escuro, semelhante ao meu.

No dia seguinte acordei sem apetite para o café da manhã. Mal consegui comer um iogurte com granola. Era o dia do *check out*. Arrumei a mala e dei uma última caminhada pelo vasto hotel a procura da lhama preta. As nuvens haviam aparecido, dificultando as chances de encontrá-la. Sem sucesso, na recepção do hotel, tomei um café da térmica e perguntei para a moça sentada ao computador sobre a tal lhama negra de cachecol.

– Desculpe, mas não lembro de ter visto nenhuma lhama de pelagem preta por aqui, ainda mais com cachecol. Vi uma marrom e uma malhada. Não servem?

Agradei e resolvi não insistir no assunto. Desci a serra pilotando o carro completamente aéreo, refletindo sobre a noite nada usual e sobre os próximos passos da minha vida. Era muito para se digerir e por isso agradei o fato de a viagem ser longa.

Cinco anos se passaram desde o episódio da conversa peculiar. Nunca tive coragem de contar para ninguém. Afinal, quem acreditaria numa lhama falante e literária? Também nunca tirei a fatídica noite da cabeça. Quando mais eu pensava no episódio, mais me convencia de que era fruto da minha imaginação. O livro de realismo fantástico, o nevoeiro, a barriga cheia de cordeiro, as *piñas coladas* e os vinhos. Seria a lhama o meu alter ego, o que Cícero chamou de um segundo eu? Não esperava que um dia ele pudesse

aparecer em forma de lhama. Aquele cachecol semelhante ao meu reforçava minha teoria.

Na semana passada, resolvi retornar ao hotel. Pedi para ficar na mesma habitação, a 12. Tentei, na medida do possível, reviver o dia da maneira mais fidedigna possível. Repeti o café da manhã, a ida a piscina e os vinhos. Brinquei com o *border collie*, que continuava por lá, mas agora com duas filhas caramelo que pareciam ligadas na tomada. Fiz questão de levar o livro do Gabo comigo e, após o jantar com o cordeiro assado, pisei na droga de um sapo gosmento, o que me tirou um pouco do script. Talvez por isso a lhama não tenha aparecido para uma visita. Quase virei a noite na varanda envidraçada, o que permitiu ler Cem de Anos de Solidão pela terceira vez. Obviamente não por completo. “Macondo e não Mocondo” – refletia na varanda, sentido a falta da minha amiga. Aproveitei a noite de céu estrelado para pensar na vida, na minha evolução com o violoncelo, e nas infinitas possibilidades que o mundo oferecia. As estrelas iluminavam uma rara sensação de otimismo, de que tudo daria certo, de que bastava eu me dedicar em entregar o meu melhor, onde quer que fosse. Mesmo sem a lhama, a noite foi boa. Não pude me queixar.

Ao despertar na manhã seguinte e sair do chalé, deparei-me com um objeto surpreendentemente familiar sobre o capô do meu carro. Era um cachecol, com o distintivo padrão quadriculado em tons de cinza e azul escuro, exatamente igual ao usado pela minha amiga lhama. Permaneci ali, fitando-o em um silêncio contemplativo por

um momento prolongado, questionando-me: seria o cachecol da lhama ou seria o meu?

4. DRIVING MY CAT

Sábado de manhã e somente eu estava acordado. Na verdade, eu e meu gato, cujo nome não chegou a ser dado, pois sempre postergávamos a decisão. Minha esposa e eu adotamos o filhote de gato preto por insistência de uma senhora que trabalhava cuidando de animais abandonados. O momento que nos tocou foi quando ela explicou a importância de ser extremamente cauteloso ao doar um gato preto. Ela destacou que, se esses animais caírem nas mãos erradas, podem infelizmente ser utilizados em rituais obscuros, incluindo feitiços e sacrifícios. Como sempre achei babaquice esse negócio de que gato preto dá azar, acabei por persuadir minha esposa a aceitar o gato como novo membro da família.

Logo após adotarmos o gato, vieram os filhos. Três filhos, dois meninos e uma menina. E, o gato, completamente deixado de lado, foi resiliente nos acompanhando por todo o crescimento da família. O mais velho estava com dez anos, a mesma idade do gato. Por mais que tentássemos educar e mostrar a maneira certa de se relacionar com um felino, não era raro alguma criança maltratá-lo. Por sorte, nunca era nada exagerado. Eram essas coisas de crianças mesmo, como gritos, puxões de rabo, vestir o gato com colares e roupas ridículas. Sempre tentamos inibir e mostrar a maneira certa de se tratar o gato

(como se soubéssemos). E o mais bacana é que o bichano sempre foi gentil e nunca revidou. Nem um arranhãozinho. Um ótimo exemplar do espécime, pode-se dizer.

Com o passar dos anos, as crianças cresceram e pararam de implicar com o gato, deixando-o de lado, livre dos pequenos abusos.

Fiz toda essa reflexão enquanto fritava ovos. Tinha aprendido uma nova receita, que envolvia cozinhá-los sobre nozes e amêndoas bem trituradas. Depois, bastava colocar água na frigideira e fechar a tampa, deixando o vapor agir para fazer aquela fina película sobre a gema mole. Como falei, era sábado de manhã. Bem cedo, perto das seis. Meus filhos e minha esposa dormiam o sono dos inocentes, principalmente as crianças, sem boletos para pagarem. Meus sogros viriam da cidade que moravam para passar duas semanas conosco.

Toda a ponderação sobre a história do gato, sobretudo sua gentileza e resiliência, me fizeram tomar uma decisão impulsiva. Era hora de uma reparação. Faria uma *road trip* com o gato. Só ele e eu, como dois parceiros, bons amigos, como Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Walter White e Jesse Pinkman, Ferris Bueller e Cameron. Sairíamos de Florianópolis até Porto Alegre de carro. Estava falando de quatrocentos e sessenta quilômetros, que faríamos em pouco mais de seis horas. Dormiríamos na casa do meu primo que morava por lá. Meu gato gostava desse primo. Chegou a ficar no colo dele por quase uma hora em sua última visita. Dormiríamos em Porto Alegre e voltariamos no dia seguinte. Uma viagem curta, de final de semana,

como uma espécie de reconexão entre nós. Meu gato e eu. Roberto e Erasmo. O Pink e o Cérebro.

Deixei uma boa quantidade de ovos prontos, assim como torradas e café bem preto. Os ovos seguiam a nova receita. Consegui fazer uma mochila com uma muda de roupas sem acordar ninguém. No banheiro, peguei desodorante, pasta e a escova de dente. Para o gato, enchi um *tupperware* de ração e separei dois sachês de ração mole. Para mim, levei duas maçãs e o resto das castanhas e amêndoas que usei na receita que testara do ovo frito. O celular, o carregador, um cartão de crédito e um livro da Isabel Allende completaram a mochila. Escrevi um bilhete para minha esposa comentando sobre a viagem de última hora e o coleí na geladeira entre os imãs com as fotos dos filhos. Imaginei que ela não fosse ligar, já que seus pais chegariam em breve para as duas semanas. Não digo por mim, mas pela falta do gato.

Tive um pouco de dificuldades para encaixar o felino na caixa de transportes e, ao sair de casa, escutei um miado rouco enquanto descia as escadas, que parecia não demonstrar muita satisfação. Deixei a SUV para a família e peguei o nosso Honda Fit velho de guerra para a viagem. Ao entrar no carro, acomodei a caixa no banco do carona e deixei a portinhola aberta, para caso ele quisesse dar uma circulada. Expliquei a situação de que faríamos uma viagem só nós dois até a casa do primo, contando que era um agradecimento por tantos anos dignos e de ótimo comportamento como membro da família. Ele pareceu não se empolgar muito com a ideia, a ponto de não querer sair

da caixa. Mesmo assim, eu estava confiante de que ele logo se soltaria e aproveitaríamos ao longo da viagem como bons companheiros. *Good fellows*. Comeríamos nossos snacks, conversaríamos e escutaríamos boas músicas.

Liguei o motor do carro e comecei a manobrar na garagem. O gato soltou um miado mais grave, como se estivesse suplicando para que eu desistisse da ideia. O som passava um ar melancólico, quase como de um lobo ranzinza em final de carreira. Prossegui, convicto de ele veria vantagem em compartilhar momentos agradáveis comigo durante o trajeto. Conforme avançamos em direção a autopista, além do felino não ter saído da caixa, os miados foram se intensificando. Eu argumentava, tentava puxar papo, acalmar o bichano, mas nada dava certo. Ele parecia muito estressado em estar fora de casa. Cabe aqui a nota de que morávamos no mesmo apartamento há doze anos, ou seja, o único habitat do gato após seu resgate. Fora uma única ida ao veterinário (um tanto traumática), o gato nunca mais havia deixado o lar. Lembrando disso, comecei a me arrepender da ideia da *road trip*, porém, resolvi dar mais uma chance.

Aquele miado grave, alto, sofrido, rouco e intermitente, estava me fazendo mal. Resolvi acionar a minha *play list*, na esperança de que a música o acalmasse. Toquei algumas de bossa-nova, outras de jazz, rock clássico, mas a miadeira só cessou quando tocou *Bésame Mucho*, interpretado por Julio Iglesias. Finalmente o barulho infernal havia sido suprimido. O novo problema era que quando acabava a música, o miado automaticamente

retornava, me obrigando a escutar *Bésame Mucho* em modo repetição infinita. *Bésameeee, bésame muuuucho, como si fuera esta noche la última veezzzz*. Fiz um teste com a música em outras vozes, com Andrea Bocelli, João Gilberto, e da compositora mexicana responsável por trazer a obra para o mundo, Consuelo Velázquez, mas nada adiantava. O gato só dava uma trégua quando Julio Iglesias assumia os vocais das caixas de som do velho Honda, com sua voz galanteadora.

Se esse era o único remédio, remediado estava. Fomos de Julio Iglesias por todo o trajeto. O imbróglio foi que a música acabou por impregnar meus ouvidos, inclusive, mais do que as miadas. Em um determinado momento, *Bésame Mucho* roubou o meu foco, me fazendo desviar da rota em direção ao fatídico acidente que mudou para sempre as nossas vidas.



Sete horas da manhã de segunda-feira.

Acordo entubado em uma cama de hospital. UTI. Médicos vieram ao meu encontro, aparentemente satisfeitos com meu estado de saúde. Começaram lentamente com as perguntas e com os testes dos meus sinais vitais. Examinaram minha visão, audição, sistema motor e capacidade cognitiva. Respondi tudo com dificuldade, ainda recuperando a consciência. Minha alma demorava e se reestabelecer no corpo, dificultando o entendimento do que estava acontecendo. Minha esposa estava na sala, chorando. Não sabia se de raiva, felicidade, ou se dos dois.

Gradualmente, eles me detalharam o ocorrido no acidente. O veículo perdeu o controle, ultrapassou o acostamento, rompeu a barreira de proteção, desceu a encosta e capotou. Fui resgatado em estado de inconsciência. Felizmente, a eficaz combinação do cinto de segurança com o airbag minimizou as consequências, restringindo os danos a meros arranhões, um leve sangramento e lesões ósseas superficiais na mão direita.

Conforme o passar do tempo na maca da UTI, fui tendo lapsos de memória do acidente. O gato. Julio Iglesias cantando *Bésame Mucho*. O miado incessante. *Como si fuera, esta noche, la última vez*. A dor de cabeça. O desvio de atenção. *Que tengo miedo a perderte*. O acidente. O gato. O GATO?

– O GAAAATO! – gritei forte ao me lembrar do felino. Provavelmente meu grito havia invadido os tímpanos dos outros pacientes da UTI, como se Julio Iglesias cantasse um *heavy metal* estridente. – O gato – repeti, com parcimônia.

– Então, sobre isso... – disse minha esposa, deixando a continuação em um suspense hitchcockiano.

– “Então, sobre isso”, nunca é o prenuncio de algo positivo. É algo bem longe de positivo. Assim como quando alguém fala “com todo respeito” e nunca vem depois algo respeitoso.

– Então... – disse ela.

– Então... – repeti, fazendo cara de que ansiava por notícias rápidas, verdadeiras e, preferencialmente, positivas.

Logo percebi que, ao lado da cadeira onde minha esposa se sentava, estava a caixa do gato. Aquela a qual ele não saiu por nenhum milésimo de segundo durante a viagem. Desejei como nunca que ele estivesse ali dentro, vivo. Tentei fazer uma promessa, mas não consegui pensar em nada essencial para agradar os seres superiores a ponto deles me entregarem a notícia de que o gato estava bem dentro daquela caixa. Pra não dizer que não cheguei a pensar em nada, cogitei parar de beber vinho, mas aquilo seria radical demais e acabaria me arrependendo.

– Então – repetiu minha esposa, como se estivesse com medo de me dar a notícia.

Aquela quantidade exagerada de “entãos” aumentava minha angústia.

– Pois bem – disse ela para substituir o “então” e suspirou, como se ganhasse tempo e procurasse coragem para anunciar o que viria a seguir. – Na caixa há um gato. Ele está bem e vivo.

Suspirei de felicidade.

– Mas isso é ótimo, não? – respondi arregalando olho e procurando por validação.

– Escutando assim, pode até parecer ótimo sim. Só que existe um pequeno porém.

– E qual seria esse singelo porém?

Ela colocou a mão no lóbulo da orelha como se o massageasse e respondeu:

– Não posso garantir que se trate do mesmo gato.

– Como assim?

– Não quero te assustar. Mas se bem me recordo, seu gato... quero dizer, nosso gato... era de pelagem preta.

Parênteses: minha esposa nunca foi a maior entusiasta do gato. Mas é perfeitamente compreensível, já que ela dava conta de administrar três crianças.

– Sim. Um gato preto.

– Pois é. O gato que foi resgatado ainda dentro da caixa, no local do acidente, é um gato, como posso dizer... diferente.

– Diferente como?

– Diferente. Diferente, ué! Tipo assim – voltou a massagear o lóbulo da orelha. – Um gato branco.

Eu não estava preparado para aquilo. Um gato branco? Como assim um gato branco? O gato sempre foi preto. Foi, inclusive, o sentimento de raiva pela maldade feita aos gatos pretos, que nos levou a adotá-lo. Não fazia o menor sentido o gato ali da caixa ser branco.

Pedi para minha esposa retirar o felino da caixa e trazê-lo até a maca que estava deitado. Ela não se opôs. Sobre a minha barriga, o peso do gato era o mesmo. Seu olhar era o mesmo, apesar de notas mais tristes, como se, assim como eu, houvesse passado por um grande trauma. Seu cheiro era o mesmo, o bafo de peixe igualzinho.

Também era idêntica a leve sensação das suas unhas na minha barriga. Eu poderia acreditar que era o mesmo gato. Mas a história era muito bizarra. De volta a caixa, antes de que alguma enfermeira reclamasse, aproveitei para pesquisar com o smartphone sobre mudanças de pelagem repentina em gatos. Algo talvez relacionado a algum acidente. Mas as alterações eram sempre graduais e pouco radicais, não havendo nada parecido a uma transformação de preto para branco em menos de dois dias.

De todas as maneiras, voltamos para casa com o gato, acreditando que era o nosso gato. Explicamos para as crianças que o gato mudou de cor por causa do acidente. Elas acharam curioso, mas não deram muita importância. Realmente era o nosso gato. A maneira de se mover, o domínio em relação aos cômodos da casa, a manutenção dos hábitos de arranhar a unha numa cadeira específica, e a de tomar o cochilo da tarde em cima da impressora, acabavam com qualquer dúvida sobre a autenticidade do animal. Isso sem contar o teste final. Pedi para a Alexa tocar *Bésame Mucho* na gravação de Julio Iglesias, o que fez o gato se pirulitar para de baixo da cama. O trauma tirava qualquer migalha de imprecisão sobre sua procedência.

Os dias passaram tranquilos, dentro da normalidade do nosso caos cotidiano. O Honda Fit sofreu perda total, mas estava assegurado. Meus sogros continuavam em casa, dando uma força com as crianças. Eu estava feliz de ter o gato em casa. Prometi para ele que nunca mais faríamos uma *road trip*, e que tampouco colocaria mais Julio Iglesias para tocar. Eu já não gostava muito mesmo. Olhando para o

felino, cheguei à conclusão que já havia mais do que passado da hora de ele ter um nome. Fizemos um concurso na família e surgiram boas ideias como Yin Yang, Feijão Branco e Michael. Michael foi quase o vencedor, mas foi minha filha caçula que sugeriu que déssemos o nome do senhorzinho de bom coração que chamou a ambulância quando me viu desmaiado dentro do carro. Minha filha era muito meiga e não tínhamos como não acatar a sugestão. E foi assim que batizamos o gato de Geraldo.

Geraldo passa bem. Continua um gato calmo, feliz e bom companheiro. Adora passar os dias pegando sol sobre a minha impressora e pegou um ranço mortal da caixa de transporte e de Julio Iglesias. Não suporta qualquer versão possível de Bésame Mucho, até mesmo as instrumentais. *Que tengo miedo a perderte, perderte después.*

5. GRATIDÃO

Almoço de trabalho. Fui retribuir a ajuda que Arnaldo me deu com uma planilha dinâmica e, como bom samaritano, paguei sua conta. Não era nada demais, apenas um buffet de um restaurante de médio para decente, acompanhado de suco verde e café. O suco verde era caro, pois vendia-se como “prensado a frio”, mas tudo bem, o Arnaldo merecia. A planilha tinha me poupado algumas horas de trabalho braçal.

Ao terminar o ato, Arnaldo responde com uma única palavra: gratidão.

Não sei se é porque estamos em Florianópolis ou se a expressão também é comum em outras cidades. Entretanto, mesmo que de maneira suave, aquilo me incomodou. Senti um gostinho de café amargo, meio frio, já de fundo da caneca, sabe? Afinal, qual o problema com o velho e bom “obrigado”?

Voltamos para o escritório. Senti um clima meio estranho, com alguma coisa fora de ordem. Olhei para o Arnaldo e o meu sentimento era de que algo não estava bem enquadrado dentro das condições naturais de temperatura e pressão. Todavia, podia ser somente impressão minha, como normalmente é.

Duas horas se passaram. Três da tarde. Meu nível de produtividade estava abaixo de zero quando a moça do café começou a circular de mesa em mesa. Sem dúvidas, para mim, o melhor momento do expediente laboral, ao qual espero ansiosamente. Me sinto como uma aranha na teia aguardando um mosquito suculento que acabou de se refastelar com sangue de gueixa. Um café me ajudaria a voltar a render o suficiente para eu não figurasse na lista dos potenciais demissionários. Arnaldo agradeceu o café dele com “gratidão”. Na minha vez, é claro, respondi com “obrigado”. Para minha decepção, a moça do café me respondeu de modo muito simpático também com: gratidão. Seus dentes eram relativamente separados, como as traves de futebol, e isso não me incomodava. Porém, a expressão gratidão, não consegui deixar passar batida.

Pelo visto, agora seria possível substituir tanto o “obrigado” quanto o “de nada” pela palavra que não gosto de pensar. “Que merda” – pensei, de modo respeitoso. O mundo não deveria estar muito longe de implodir. O café desceu amargo, mesmo estando bom. A mulher dos dentes separados sabia o que estava fazendo. O Arnaldo estava levemente esverdeado. A moça do café, também.

Giovanni, da máquina de xerox, trouxe cópias de planilhas para Arnaldo que não deveriam servir para muita coisa. “Gratidão” – disse Arnaldo. “Gratidão” – respondeu Giovanni.

Fiquei descompensado. Precisava desabafar com alguém como essa porcaria de palavra se espalha descontroladamente como um vírus. Cheguei na mesa do

meu chefe e vi ele agradecendo a secretária com “gradidão”, que respondeu da mesma maneira irritante. Senti o chão do meu mundo derreter.

Foi quando Arnaldo passou do meu lado. Ele estava mais verde do que nunca. A Camila do RH também estava verde, e agradeceu com “gradidão” o Benjamim da TI, que retribuiu na mesma moeda.

A moça do café desejava gradidão para todos que aceitavam. E, pasmem, usava a mesma palavra também aos que rejeitavam. Seus dentes separados jorravam uma tempestade de gradidão, que fez dela uma mulher verde e com o pescoço deixando transparecer umas pontas esquisitas. Giovanni, o melhor xeroquista da história da empresa, apareceu, do nada, verde e com penas. Que diabos estaria acontecendo?

Meu chefe e sua secretária haviam se convertido em dois papagaios gigantes, com penas verdes, coloridas e com bico, assim como o Arnaldo e todo o resto da empresa. Todos entusiasmados, com pés que pareciam de dinossauro, batendo asas e desejando gradidão a torto e a direito. Todos, menos Regina, que era muda. Eu e Regina éramos a resistência e tínhamos a obrigação moral de salvar aquela corporação.

Tal qual Indiana Jones, fui me esgueirando até a mesa da Regina, desviando dos papagaios que cuspiam gradidão sem cerimônia. Como nunca havia falado com ela, antes de captar sua colaboração para combater aquele vírus nocivo que destruiria o mundo, resolvi fazer uma média. Cheguei com uma expressão simpática e elogiei seu trabalho como

assistente financeira, enaltecendo o fato de ela nunca ter atrasado o meu salário em mais do que cinco dias. Regina sorriu. Logo, pegou um caderno e uma caneta BIC vermelha cuja ponta estava mastigada, ajeitou a sobrancelha, escreveu com esmero, arrancou a folha e me mostrou o resultado em bonitas letras cursivas: GRATIDÃO.

6. *IN LOVE* NO UBER

Aconteceu uma coisa bem estranha comigo na semana retrasada. Era uma quarta-feira, às quatro da tarde. Pedi um Uber para ir ao dentista e vi a placa do meu carro no aplicativo. O modelo também era o mesmo que o meu, um Peugeot 208, que comprei parcelado em quarenta e oito vezes. Carro bom, quase não fazia barulho. Achei que tinham clonado a minha placa ou algo parecido.

Esperei o safado chegar já cheio de autoridade, pensando em como enquadrar o golpista. “Golpista safado!” – pensei, quase falando em voz alta. Tinha no Whatsapp o contato de um amigo que o primo dele conhecia um delegado notório por ser “chapa-quente”. Cinquenta mangos e o cara levaria o larápio para dar uma voltinha antes de entrar na delegacia.

E aí chegou o carro. Era o meu carro. O Peugeot 208 vermelho. E pasmem, era a minha mulher ao volante.

Fiquei puto! Já fui entrando no banco do carona cheio da razão e ela fez um gesto de que não. Sinalizou educadamente para eu entrasse no banco de trás. Resolvi acatar.

– Roberta, que porra é essa? – foram minhas primeiras palavras.

– O senhor aceita uma água? – respondeu minha esposa, calma e soberana. Ela estava chique, com uma camisa social preta e com as unhas pintadas de marrom.

– Que porra de água que nada, quero saber é o que você está fazendo com o meu carro.

– Nosso carro. A temperatura está agradável?

– Dane-se a temperatura, Roberta. Que porcaria é essa que você está fazendo?

– Estou apenas fazendo meu trabalho, motorista do Uber. Aceita uma água?

Resolvi aceitar a água para me acalmar.

– O senhor aceita uma bala? Tem aí umas disponíveis no vão, embaixo da maçaneta da porta – disse Roberta toda empoderada.

– Isso vai dar formiga no carro, Roberta. Não quero droga de bala nenhuma.

– São balas 7 belo. Pega umazinha. Sei que você gosta.

Peguei a droga da bala. Adoro 7 belo. Enquanto mastigava, observei a Roberta dirigindo toda plena e cheia de si. Ela fazia as curvas tão suaves que parecia pilotar um barco. Aos poucos, fui me acalmando. Resolvi perguntar:

– Desde quando você começou no Uber?

– Desde semana passada.

– E por que você não me avisou nada?

– Te avisei, mas você não me deu atenção.

– Como assim? Como não dei atenção? – perguntei intrigado.

– Deve ter sido durante algum jogo do Vasco.

– Puxa vida, Roberta. Mas você tem que me contar as coisas justo durante o jogo do Vasco? Você sabe que as coisas estão difíceis e que estamos brigando para não cairmos de novo. Tenho que estar lá, Roberta. Concentrado. Firme e forte, fazendo mandinga pra continuarmos na primeira divisão.

– Tudo bem.

E aí eu comecei a reparar em como a Roberta dirigia bem, com calma e com cuidado. A aceleração era perfeita, não havia uma única freada brusca. A distância de segurança para o carro da frente era ideal, constante, ganharia nota máxima se fosse avaliada pelo Detran. Reparei até na maneira delicada com que ela segurava no volante, sem fazer muita pressão. Que excelente motorista era a Roberta. As unhas marrons estavam impecáveis e combinavam com o couro preto que revestia a direção.

– Não sabia que você dirigia assim tão bem, meu amor.

– Obrigada – disse ela com uma voz suave.

Reparei também no cabelo dela, tão macio e brilhante. Acho que nunca havia observado minha esposa daquele ângulo com a visão do passageiro no banco de trás. Ela ligou o som, colocou baixinho uma música do Skank. Era aquela que falava da Jackie Tequila, leite de leoa. Ótima música.

Comecei a curtir aquela viagem. Ar condicionado tinindo, Jack Tequila, o perfume doce da Roberta impregnando o meu carro, o nosso carro. Aquela velocidade que não passava dos sessenta por hora. Quando menos percebi, chegamos ao meu destino. Comi mais uma 7 belo e escutei aquela vozinha meiga.

– Chegamos. Muito obrigada pela preferência e tenha uma ótima consulta.

– Obrigado, amor. Nos vemos mais tarde em casa, tá bom? Vou cozinhar um *fricassé* de frango pra quando você chegar.

Acreditem ou não, naquele dia, me apaixonei perdidamente pela Roberta, minha esposa.

7. *PETIT GÂTEAU* E SOLDADINHOS DE CHUMBO

Em um voo de rotina, após três dias permeados por reuniões infrutíferas e almoços exagerados, constato a repetição de um padrão quando estou longe de casa. Caio na tentação de indulgências culinárias, especialmente sobremesas — o creme de papaia com licor de cassis ocupa um lugar especial em meu paladar. O café, preferencialmente acompanhado por biscoitos amanteigados, fecha esse ritual. Embora o hotel onde habitualmente me hospedo disponha de uma academia bem equipada e até de um Spa, ambos permanecem como recursos não explorados. Inicialmente, eu trazia roupa e tênis apropriados para exercícios, alimentando a ilusão de uso; contudo, com o passar do tempo, essa prática tornou-se apenas um acréscimo inútil à minha bagagem. Aos poucos, a culpa por negligenciar minha rotina de exercícios dissipou-se, evaporando tão silenciosamente quanto minha determinação.

Viajo. Agora, ultimamente, sem peso.

Como o voo atrasou, tomei três Heinekens antes de embarcar. Em geral, tomo apenas uma. Aprecio tomar na garrafa mesmo. Acho bonito o vidro verde da cerveja holandesa. Comi amendoim também, o que ampliou a

vontade de tomar as cervejas adicionais. A estratégia de se oferecer amendoim salgado gratuitamente nos bares sempre deu certo comigo, que acabo por consumir mais líquidos, geralmente alcoólicos e que não matam a sede.

Poucos minutos após a decolagem, depois de apagado o aviso de cinto de segurança obrigatório, levantei e me encaminhei para o lavatório no fundo da aeronave. Havia apenas um, ao lado direito. Eu era o segundo da fila. Na minha frente, uma mulher. Parecia regular de idade comigo e se vestia de preto, de maneira discreta. O cabelo era castanho escuro e ondulado, na altura do ombro. A expressão era de tédio e a postura corporal de cansaço, apoiada de maneira desleixada contra o encosto da última fileira de poltronas. Imaginei alguém que, como eu, voltava de uma bateria de reuniões tediosas e improdutivas, acompanhadas de almoços excessivos e finalizados com creme de papaia com cassis. Ou, quem sabe, de *petit gâteau*, daqueles bem quentinhos, aveludados, que jorram o recheio de chocolate ao serem tocados pela colher no centro da estrutura. Sim, ela parecia mais conectada ao chocolate do que ao licor de cassis. Certamente não aparentava uma mulher que pediria frutas da estação de sobremesa, apesar de estar em relativa boa forma. Sempre desconfio de quem pede frutas da estação. É preciso muito autocontrole para tal, reflexos de um ser humano frio e calculista.

Um homem de idade saiu do banheiro, dando vez para a mulher do *petit gâteau*. Eu estava apertado para descarregar as Heinekens, portanto, na torcida para que minha antecessora fosse agilizada. Desejei que ela não

fizesse o pacote completo, números um e dois, com direito a retocar a maquiagem no final. Lembrei de a ter visto entrando sem nenhuma *necessaire*, logo, não deveria demorar muito. Contudo, o tempo provou que eu estava enganado. Solenemente equivocado. Pelo menos vinte minutos se passaram sem nenhum sinal da mulher sair. Vinte minutos que, para mim, pareciam uma vida inteira – do meu nascimento até a fila do banheiro no avião. Com a bexiga pressionada, precisava de um plano para evitar o pior. Primeiro comecei a pigarrear. Fui aumentando o volume para ver se ela se tocava, porém, nenhum sinal da porta se mexer. Cogitei, então, dar uns pequenos toques na porta e em seguida perguntar se estaria tudo bem, mas achei precipitado. Afinal, seria questão de mais alguns minutos até que ela saísse, e eu não queria parecer deselegante. Detesto parecer deselegante.

A espera continuou. Ou, melhor, a eternidade. Perguntei para a aeromoça se haveria algum outro *toilet* na aeronave, e ela respondeu que infelizmente não. *Help!* Precisava agir. A bexiga quase implodindo me deu forças para dar três leves batidinhas na porta do banheiro. Em seguida, conforme havia planejado, perguntei se estava tudo bem. Não escutei absolutamente nada do outro lado. Nenhuma mínima movimentação. Me senti a irmã mais nova do “Frozen”, com a recusa do convite para a brincadeira na neve. Agoniado, me contraindo por inteiro até os dedos dos pés, procurei a aeromoça e a informei sobre a delicada situação. Comentei que a mulher do *petit gâteau* já ocupava o território por mais de trinta minutos. Percebendo meu corpo retesado, ela me olhou com

compaixão, foi até a porta do banheiro e deu duas batidas mais intensas. Como não houve nenhuma resposta, a comissária resolveu investir contra a porta, pressionando a maçaneta, que, pasmem, estava destrancada. E, o pior: o banheiro estava vazio. Como assim? Fiquei de queixo caído, desnorteado, como um filhote de gato perdido no meio da floresta amazônica, na escuridão da noite, cercado por animais selvagens. A aeromoça me fitou como se eu fosse maluco, mas estava apertado demais para qualquer reação que não fosse fechar a porta e me aliviar o mais rápido possível. Assim o fiz.

Enquanto urinava, não conseguia pensar em nada, apenas esvaziava a alma. Assim que finalizei, retomei a perplexidade sobre o desaparecimento da mulher do *petit gâteau*. Que, por sinal, tem grandes chances de não gostar de *petit gâteau*. Quem sabe sua sobremesa favorita não seria uma *cheesecake* ou um profiteroles? De todas as maneiras, não me lembrava de ter desgrudado minha atenção na porta do lavatório, a ponto de não perceber sua saída. Muito estranho! Com a cabeça num emaranhado de pensamentos sem sentido, apertei a descarga do avião e fui surpreendido por um jato supersônico que exterminou qualquer célula viva da latrina com seu barulho de lançamento de foguete. Cogitei o fato de a descarga potente ter tragado a tal mulher, mas era improvável. Lembrei que sempre me assustava com as evacuações das aeronaves. Creio ter os ouvidos sensíveis.

Ainda confinado no pequeno espaço, lavo as mãos e penso na mulher. É claro que eu me distraí e acabei não percebendo ela deixar o lavatório. Seria a única explicação

plausível. A comprovação da minha teoria, se daria com uma simples caminhada no corredor do avião até encontrar o elemento desaparecido. Assim, novamente, o fiz. E, acreditem ou não... não a encontrei, mas encontrei o meu pai. Ele mesmo. O meu pai.

“O meu pai” – pensei repetidamente antes de falar com ele.

– Pai? – falei desconcertado. – O que você está fazendo aqui?

Meu pai ocupava a janela da fileira quinze e não o via desde o ano passado. Morávamos em cidades diferentes e nos víamos em média a cada dois anos, em geral, no Natal. No Natal dos anos pares. Para resumir uma longa história, meu pai se separou da minha mãe durante minha adolescência. Ela se casou novamente, não teve filhos e foi morar em outra cidade. Sempre mantivemos uma relação cordial, mas não muito profunda. Meu pai sempre evitou as profundidades. O homem sempre foi trabalhador, metódico e ocupado. Pagou a pensão com pontualidade enquanto lhe coube e me acompanhou por telefonemas aos domingos. Nunca falhou um domingo. Até hoje nos falamos todos os domingos após o almoço. Os assuntos se repetem, assim como as histórias. Mas, pensando bem, é algo que aprecio. Se tornou uma parte importante da minha rotina. Entendo que para ele também.

Um senhor que sentava no meio, percebendo o encontro casual de pai e filho, se ofereceu para trocar de lugar comigo. Aceitei. Sentado ao lado do meu pai, contei sobre estar voltando de uma viagem de negócios e ele

comentou estar voltando de um velório de um amigo de infância. Nunca sei bem o que dizer nessas horas e dei as condolências. Ele agradeceu e comentou que na idade dele, a tal da morte já entrava mais na rotina. Era cada vez mais comum os amigos falecerem a ponto de ele já prever o teor da conversa quando o telefone de casa, o fixo, tocava de maneira mais alongada. Meu pai sempre me ligava do telefone fixo. Com o recente falecimento, três quintos dos amigos de infância haviam partido, segundo sua estatística particular. Precisa ser muito metódico mesmo para dividir os amigos em um grupo de cinco – refleti. Aproveitei para comentar com ele sobre a situação do banheiro e ele deu um sorriso. Concordou que eu devo ter me desligado por alguns instantes e fez questão de lembrar que eu era um menino, muitas vezes, distraído.

Aproveitando a deixa da mulher desaparecida, meu pai aproveitou para me contar uma história que já era a terceira ou quarta vez que eu a escutava. Como não gosto de ser desagradável e, também por não termos tantos assuntos assim, me permiti escutar novamente com atenção. Era sobre minha coleção de bonequinhos de soldados de chumbo. Eu tinha muito apego por essa coleção e, eventualmente, colocava os bonecos em ordem para simular uma guerra. Apesar de serem bonecos com uniforme do exército inglês, que o meu avô trouxera de viagem, minha simulação era sempre de uma guerra interplanetária. Meu pai, por achar que eu estava em transição de menino para adolescente, não via com bons olhos que eu brincasse com os bonecos aos quatorze anos. Para tanto, desenvolveu a seguinte tática: todo começo de mês ele retirava um boneco

da coleção e o escondia. Eu, que acredito nunca haver contado os bonecos, não percebia a diferença. Em janeiro brincava com vinte, em fevereiro com dezenove, em março com dezoito, em dezembro com nove, até que em agosto do ano seguinte com apenas um e, em setembro, nenhum.

Ele sempre ria ao final da história ressaltando como eu era distraído ao não perceber que os soldadinhos iam se esvaindo um por um ao passar dos meses, até o exército sucumbir por completo. As tropas inglesas, ou intergalácticas, se renderam aos novos interesses de um menino adolescente de quinze anos. A história terminava sempre do mesmíssimo jeito: com meu pai contando que havia roubado a ideia de um amigo que tirava todo mês um cigarro do maço até parar de fumar. Um homem livre do vício do tabaco e um jovem sem seus soldadinhos de chumbo coexistiram em tempo e espaço por uma estratégia em comum.

De fato, ao pensar na história dos soldadinhos, me dei conta de que nunca percebi ou dei falta de que eles foram diminuindo até se extinguirem. Se eu tivesse uma psicóloga, provavelmente seria um bom tema para propor como pauta da sessão. Poderia ser inclusive o tema da primeira sessão. Um ótimo quebra-gelos para a sala fria e impessoal do consultório da minha terapeuta fictícia. Seria o começo de uma jornada profunda de autoconhecimento que começou pela extinção gradual de um exército intergaláctico-britânico derrubado pelas forças sombrio-paternas.

A viagem prosseguiu e meu pai tocou no delicado tema “minha mãe”, já falecida. Sempre houve um carinho

muito grande de um pelo outro mesmo após o divórcio, o que me trazia estranheza sobre o motivo da separação. Nunca o tinha feito, mas acho que a energia das três Heinekens fez com que eu tivesse a coragem de perguntar sobre o real motivo de eles terem se separado. Meu pai não entrou muito nos detalhes, como sempre desviando e falando de um desgaste natural, que, segundo ele, todo relacionamento tende a sofrer. Porém, dessa vez, ele deixou escapar uma nova informação. Uma informação, de fato, relevante. Ele falou tão rápido, que se eu não tivesse com a atenção plena dedicada a escuta, a fala poderia ter passado despercebida. Segundo meu progenitor: o desgaste natural se intensificou depois que minha mãe perdeu a minha irmã.

Eu, filho único, nunca fiquei sabendo que minha mãe estivera grávida. E, se eles terminaram ao longo da minha adolescência, imagino que teria idade para saber ou perceber uma gestação. Como ele foi específico em relação ao sexo, imagino que possa ter sido uma gestação já avançada. Fiz força para lembrar de algo relacionado a uma possível gravidez da minha mãe e imaginei que o evento pudesse ter acontecido entre meus doze e dezesseis anos. Tinha dezesseis quando eles se divorciaram. Não consegui lembrar de nada. Nenhum sintoma, fala, gesto, memória ou sentimento.

Será que eu sou mesmo mais distraído do que a média? Afinal, falhei em perceber eventos significativos: desde a dizimação de meu exército de soldadinhos de chumbo, passando pela gravidez não percebida de minha mãe, até o recente desaparecimento da mulher do *petit*

gâteau. Enquanto meu pai discorria sobre seus temas prediletos — política e a escalada dos preços — minha capacidade de atenção se esvaía. Eu apenas acenava em concordância, perdido em reflexões, tentando estabelecer conexões entre esses episódios que ilustram minhas recorrentes distrações. Sem contar que me sentia um pouco em choque ao saber que por pouco não tive uma irmã. Com quem ela se pareceria? Como eu seria no papel de irmão mais velho? Como filho único, posso preparar mais uma lista de *bullet points* para a conversa com a minha terapeuta fictícia. Como teria sido a minha vida se minha irmã houvesse chegado ao mundo? Tive vontade de perguntar para o meu pai mais detalhes sobre a perda da minha irmã, mas faltou coragem. Deixei-o prosseguir comparando os preços dos combustíveis ao longo dos meses até que a aeronave aterrizou.

Sáimos juntos do avião e caminhamos pelo aeroporto. Eu sairia para retirar a mala e ele seguiria em conexão até a sua cidade. Nos despedimos com um aperto de mãos firme, como sempre. Como últimas palavras, perguntei se, por acaso, ele ainda estaria em posse dos meus soldadinhos de chumbo. Ele sorriu, afirmou que sim e prometeu devolvê-los no nosso próximo encontro, que deveria ser no Natal desse ano. Fiquei satisfeito. Reparei que acabei por não voltar a encontrar a mulher do *petit gâteau*. Nem na aeronave, nem no *finger*, tampouco na esteira de bagagens ou em qualquer lugar do aeroporto.

No trajeto de táxi para casa, mergulhei em reflexões sobre o encontro inesperado com meu pai no avião.

Ponderava se, no nosso próximo encontro, munido dos meus soldadinhos de chumbo, deveria indagar sobre os detalhes da gravidez interrompida de minha mãe. Contudo, hesitei, reconhecendo a delicadeza do tema, talvez impróprio para ser abordado durante as festividades natalinas.

8. REFLEXÕES GASOSAS

Jaime saiu de casa apressado. Checou os bolsos assegurando-se de que tinha a chave, a carteira e o celular consigo. Satisfeito ao constatar que estava tudo em ordem, não teve que esperar muito pelo ônibus. No percurso para o trabalho, que durou cerca de quinze minutos, Jaime só conseguiu relaxar ao encontrar um assento vago. Foi então que uma inquietação o assaltou: teria esquecido o gás da cozinha ligado? Recordava-se perfeitamente de ter preparado dois ovos fritos - sua refeição predileta de pão francês com manteiga - mas não conseguia lembrar-se de ter desligado o fogão. A ideia do gás deixado aberto, com o risco iminente de uma explosão, o consumia com ansiedade.

Refletiu se deveria voltar, mas achou que ficaria chato explicar para o chefe o motivo do atraso no trabalho. Ele poderia não acreditar ou, pior, poderia achá-lo desleixado, tolo, ou alguém com Transtorno Obsessivo Compulsivo. Não queria dar a impressão de ter transtorno obsessivo compulsivo, pois poderia ser prejudicial para sua carreira no universo da auditoria. Ou, pensando por outro ângulo, uma dose de obsessão poderia ser até benéfica num mundo onde a atenção aos detalhes é fundamental. Ajuizou também sobre a possibilidade de inventar uma outra justificativa para o chefe: o falecimento de uma tia ou de algum parente próximo, por exemplo. Porém, acabou desistindo da ideia,

já que havia utilizado deste recurso no mês passado. Um tio-avô muito querido, que nunca existiu, veio a óbito.

Ao chegar ao edifício do escritório, Jaime estava visivelmente perturbado e aproveitou o trajeto de elevador até o décimo quarto andar para afrouxar a gravata e tentar acalmar-se. Esse momento de pausa o fez lembrar os detalhes do café da manhã: os ovos fritos com as gemas ainda líquidas, exatamente como ele apreciava, embora tivessem recebido uma pitada de sal a mais do que o necessário. Por sorte, o café se mostrou perfeitamente equilibrado, um pequeno consolo diante do crescente desconforto que sentia. O que realmente o inquietava era a incerteza quanto ao fogão à gás; não tinha certeza de ter girado o botão para a posição de desligado após cozinhar os ovos. O gosto das gemas, ao mesmo tempo suaves e excessivamente salgadas, ainda persistia em sua boca, e uma imaginária fragrância de gás parecia invadir suas narinas, intensificando sua ansiedade. Diante dessa agitação, Jaime ponderava entre a responsabilidade de enfrentar seu dia de trabalho ou o impulso de voltar ao apartamento para prevenir um possível desastre.

Imaginou um grande incêndio lambendo a vida dos moradores do prédio antigo. Pensou no seu amoroso cachorro de três patas, o Tripé, que ficara no imóvel lhe esperando retornar para o rotineiro passeio noturno. Pensou também na senhora Celina, do andar de cima, quase trinta anos mais velha, com quem manteve um romance breve, porém intenso.

Com o suor lhe inundando as axilas, decidiu entrar. Afinal, a maior possibilidade era de que nada aconteceria. Tentava se convencer disso, se apegando nas estatísticas, mesma técnica que usava para as poucas vezes que precisou viajar de avião pela empresa. Possuía um temor profundo de aviação, contudo, se consolava com o raciocínio de que as probabilidades de encontrar seu fim em um desastre aéreo eram significativamente inferiores às de um acidente fatal no trânsito terrestre.

Jaime mal conseguia cumprimentar os colegas de trabalho. As palavras não saíam, pareciam engasgadas na garganta. Apressou o passo até chegar ao seu cubículo, no quadrilátero que era completado por Patrícia, a coordenadora fanha, Roberto, auditor sênior viciado em pornografia *hardcore* e, João Henrique, o estagiário recém contratado que não sabia dar um nó decente na gravata. Dirigiu a todos um único e tímido “bom dia”.

Resolveu começar o dia checando os e-mails. Os olhos liam os requerimentos dos clientes, mas o cérebro pensava em Tripé desviando das labaredas. Ele corria manco pela casa fugindo do fogo e da fumaça até ficar encurralado em algum cômodo com janela. Tripé decidiria entre morrer queimado e pular janela afora. Mesmo com a falta da pata dianteira esquerda, ele era um exímio pulador, capaz de dar inveja aos demais cachorros. Provavelmente optaria pela queda, na esperança de se resvalar em algum galho de árvore que adiaria sua partida. Havia poucas árvores na rua, mas seria a melhor decisão, baseando-se nas estatísticas. Jaime conversava muito com Tripé sobre as

estatísticas e desejou que isso o ajudasse a tomar a melhor decisão, que, neste caso, seria o salto. Entretanto, sabia que as possibilidades de sobreviver a uma queda daquela altura eram baixíssimas, o que o levou a entrar na internet para verificar como andava a disponibilidade de outros *pets* para a adoção. Chegou a ficar interessado por um gato sem pelo, da raça *Sphynx*, que foi tatuado por uma facção criminosa. O gato havia sido resgatado por policiais e estava disponível para adoção. Ficou deveras interessado no bichano, mas desistiu da ideia devido à baixa experiência com felinos. Dos outros cachorros do site, nenhum lhe chamou a atenção, pois todos passavam longe do carisma do Tripé. O único que chegou perto foi o gato pelado mesmo, com um fuzil tatuado nas costas.

Tentou retornar à concentração para os e-mails, deletando o que era *spam* e marcando como lido os que não o interessavam. Gostava de ter a caixa de e-mails bem organizada, mas a atividade foi interrompida com o pensamento na senhora Celina. Uma mulher sexagenária que envelheceu bem, sem plástica, da forma mais natural possível. Os cabelos brancos e lisos cortados na altura do pescoço e o nariz de base rebaixada não passavam despercebidos. Foram longos anos de conversas clichês no elevador, até que, num fatídico dia, a senhora Celina comentou sobre um bolo de cenoura que havia sobrado. Perguntou se Jaime não gostaria de passar mais tarde em seu apartamento para buscar uma fatia. Horas depois e sem grandes expectativas, o jovem não acreditou quando aquela senhora abriu a porta completamente nua segurando uma colher de pau lambuzada de chocolate e dizendo que estava

preparando mais bolo, justificando haver comido tudo devido à demora de Jaime para buscar o pedaço.

Foram dois meses de visitas praticamente diárias, que aconteciam quando Jaime retornava do trabalho, após o passeio com Tripé, que reclamava dos passeios cada vez mais curtos. Os encontros foram abruptamente interrompidos por parte da senhora Celina, que, sem explicações, em uma determinada noite, abriu a porta vestida e disse que já não gostava mais de bolo de cenoura. Meses depois, Jaime começou a suspeitar que as visitas recorrentes do zelador, José Inácio, ao apartamento da senhora poderiam ter sido o fator decisivo para o término daquele relacionamento. Jaime chorou baixinho abraçado ao Tripé, que fedia um cheirinho gostoso de cachorro molhado.

Era chegada a hora do almoço e Jaime continuava matutando se não deveria voltar para casa. Àquela altura do campeonato, a explosão já deveria ter acontecido. Não conseguia conversar com os colegas de trabalho que alternavam os assuntos entre futebol e Big Brother. Evitava também de consultar a internet, pois ficava agoniado com a possibilidade de ter notícias do acidente. Ponderava se deveria arrematar o gato pelado antes que alguém o fizesse, quando foi interrompido pelo chefe que o chamou em sua sala. Jaime estava aflito e abatido, mas tentava não deixar transparecer. O chefe então perguntou:

– Está tudo bem?

– Sim – respondeu, economizando palavras.

– Desculpe, Jaime. Queria te perguntar sobre a identificação de riscos das Casas Bahia. Mas sem querer pressionar, é claro – disse o chefe, com medo de irritar seu mais dedicado funcionário. – Como está indo tudo?

– Está indo, senhor.

O chefe preferiu não insistir. Era difícil arrumar um funcionário como Jaime, que faltava pouco, reclamava pouco, e atrasava pouco para entregar os relatórios. Sem falar no fato de Jaime nunca ter lhe pedido um aumento. Imaginou que pudesse ser justamente isso que incomodava o rapaz. Para evitar o risco eminente de perdê-lo, resolveu liberar um aumento que estava pré-aprovado desde o ano passado. Era chegada a hora de usar sua carta na manga.

– Pois bem, queria te falar que estava revisando cautelosamente a sua avaliação de desempenho. E adivinhe só? Tenho a notícia de que você está indo no caminho certo. Isso não é ótimo? Portanto, você receberá um aumento de dez por cento a partir já do próximo mês.

Jaime foi pego de surpresa e esboçou o primeiro sorriso do dia, que logo se apagou pensando em que o dinheiro extra não seria nada perto do prejuízo que teria com o apartamento em cinzas. Ele não possuía móveis de luxo, nem possuía apego a tantos objetos. A coleção de bolachas de chopp certamente lhe faria falta, assim como o videogame que comprou usado. No mais, enquanto o chefe falava sobre os objetivos da empresa para o ano, Jaime pensava como ele era estúpido por não haver aceitado o seguro residencial oferecido pelo Itaú.

Findado o breve discurso motivacional, Jaime saiu pensativo da sala, mais triste do que quando entrara. Por outro lado, o chefe, percebendo a tristeza do funcionário, se questionou se não havia sido mesquinho em não chegar até os vinte por cento já pré-aprovados. A tarde passou em baixa produtividade, com performance quase nula. Tudo que conseguiu, além de pensar em Tripé e na senhora Celina, foi limpar a caixa de e-mails. Sobraram três mensagens importantes que lia quando tivesse com paciência, provavelmente nos próximos dias.

No ônibus, a caminho de casa, sentiu raiva do José Inácio, o zelador, assim como da senhora que o trocou. Sentiu remorso por não ter feito o tal seguro do Itaú. Quando conseguiu um lugar para sentar, refletiu densamente sobre sua decadente vida amorosa, que andava de mal a pior. O único relacionamento que teve pós bolo de cenoura, foi com Bárbara, uma mulher com os cabelos pintados de vermelho que conheceu durante a auditoria das Casas Bahia. Saiu duas vezes com ela, porém desistiu do enlace por não suportar seu hálito de fumante. Pensou que poderia ter dado mais uma chance, já que ela era uma mulher decente que o havia convidado para um milkshake de baunilha. A questão do hálito poderia, quem sabe, ser revolvida com o oferecimento de uma bala *Halls*, rótulo preto. No ímpeto, abriu o *WhatsApp* e convidou Bárbara para sair. Em seguida, mandou uma mensagem para o site de adoção aplicando para tutor do gato pelado. Por último, contratou o seguro do Itaú. Ficou surpreso como conseguiu resolver tudo tão rápido.

Jaime chegou no prédio, cumprimentou José Inácio e mal reparou que nada do que imaginara havia acontecido. Como sempre, Tripé pulou em seu colo para logo em seguida darem juntos um agradável passeio pelo quarteirão. De volta ao apartamento, trocou a água do cachorro, descongelou uma lasanha, abriu uma latinha de Antártica, e aproveitou para abrir o notebook com o intuito de checar os e-mails.

Ficou feliz quando viu um e-mail do chefe dizendo que o aumento era de quinze por cento, ao invés de dez. Sorriu também ao ler a próxima mensagem, dizendo que foi aceito como tutor do *Sphynx*, o gato pelado com o fuzil tatuado. O gato estaria disponível para ser buscado no dia seguinte, e já viria com uma caixa de areia e um saco de ração próprio para a raça. Ele agora precisaria escolher um nome para o felino. Pensou por um tempo sem chegar a nenhuma conclusão. Matou a latinha de Antártica, escreveu para Bárbara desmarcando o encontro, e tentou cancelar o seguro residencial, mas sem sucesso. O procedimento de cancelamento assemelhava-se a uma incursão por um labirinto digital infinito. Resolveu deixar pra lá. Escovou os dentes e foi dormir satisfeito, voltando a discorrer sobre o possível nome para o gato. Pensou em Zidane.

Com Tripé aos seus pés, acordou de madrugada, alarmado, questionando-se se havia trancado a porta.

9. ROMANCE ENTRE MORCEGOS

Esse poderia ser mais um romance de verão, daqueles com intensidade e que findam precocemente. Porém, o que estou prestes a narrar, talvez surpreenda aos mais calejados conhecedores da arte da paixão breve.

Sarah era o que poderíamos chamar de um excelente partido. Recém-formada em medicina, havia terminado um relacionamento de cinco anos há pouco mais de um ano. Agora, depois de um prolongado luto, sentia-se pronta para se abrir a novos encontros e perspectivas. Cabelos perfeitamente cacheados na altura do ombro, nariz arrebitado, braços finos e movimentos delicados adquiridos com anos de prática de ballet. Os olhares mais atentos perceberiam que seus olhos castanhos denunciavam que Sarah não se sentia pertencente a sua época, onde as pessoas gastavam mais tempo olhando para telas do que para qualquer outra coisa. Se sentia terrivelmente incomodada ao sair para restaurantes e ver casais e amigos preferindo os smartphones do que a companhia do próximo. Sarah gostava de ler os clássicos e de música, sobretudo dos anos 70. Abba, Simon and Garfunkel, David Bowie e Elton John.

Mesmo resistente a tecnologia, após muita insistência por parte de Betina, uma amiga que conheceu na faculdade

de medicina, Sarah aceitou fazer uma conta no aplicativo de encontros. Prometeu à amiga que faria um único encontro para provar que essa era uma ideia, nas palavras de Sarah, descabida e propensa ao remorso. Porém, tudo que Sarah fazia, ela o fazia com esmero. Para a criação do perfil, mesmo não acreditando na possibilidade do sucesso, selecionou três fotos que a representassem minimamente bem. Uma foto lendo em um parque em Luxemburgo, outra foto em uma pequena cafeteria em Montevideu e, a última, na sala de casa, segurando um vaso com bromélia ao lado de seu gato Fiódor, para que transparecesse seu lado meigo e amante dos animais. Em todas a maneira de se vestir era discreta, sem exibição do corpo, para evitar passar uma mensagem equivocada.

O jogo de deslizar fotos para direita ou para esquerda e de, eventualmente dar um clique no ícone de coração, a deixou muito constrangida no início. Por uma semana, não entregou seu coração digital para ninguém. Era exigente em relação a seleção de perfis. Não aceitava homens com fotos sem camisa, em academias, bebendo cerveja, que usassem frases clichês, cometessem erros de português, exagerassem no uso de emojis, fossem esnobes ou estivessem mal vestidos. Não aceitava glutões, nem fortões, nem unhas desleixadas, nem nada que remetesse a música eletrônica. E, acima de tudo, não aceitava sapatênis. Nisso ela era categórica: era ou sapato, ou tênis, nunca a mistura dos dois. Um chinelo em qualquer uma das fotos também seria motivo de eliminação.

Betina dava risada sobre o fato de a amiga dar zoom nas unhas dos homens, e comentava que, com esse nível de exigência, seria quase impossível arrumar um *match*. Entretanto, Sarah estava irredutível. Não tinha pressa. Na segunda semana, conseguiu aceitar a foto de um francês que morava há pouco na cidade, mas o clique no coração não foi recíproco. Na terceira semana, conseguiu enviar mais dois postulantes para o lado direito. Na quarta semana, “deu *match*” com um homem mais velho, interessante, articulado, de barba e chapéu Panamá. Ficou, porém, abismada com a conversa direta do sujeito, que chegou ao cúmulo de pedir nudes. Sarah parou de responder e acabou por receber uma foto da genitália do barbudo. Entrou em choque. Era um falo pujante e arroxeadado, com as veias saltando e marcando o caminho. Bem diferente do pênis delicado do seu único e ex-namorado. Enojada, ensaiando apagar o aplicativo, foi quando recebeu uma mensagem de um dos aprovados da semana anterior.

“Boa tarde. Bonita bromélia. Definitivamente, um cálice profundo.”

Foi um pingo de esperança de leite em seu café. Leite vegetal. O homem se chamava José Claudio e parecia ser poucos anos mais velho do que ela. Tinha uma foto andando de sobretudo pelas ruas de Nova Iorque, outra meditando em Seul e, uma última passeando na cidade com um labrador chamado Bruce. Em todas as fotos, usava roupa preta, com poucas chances de erro. Seu português era bom, suas unhas passavam de ano com nota sete, e não se notava

no perfil a presença de emojis, música eletrônica ou sapatênis.

Betina ficou empolgada, mais do que a própria Sarah, que preferiu manter as expectativas baixas.

Com o tempo, dia após dia, após prolongados diálogos sobre viagens, livros e cultura geral, Sarah foi se abrindo e permitindo-se. José Claudio gostava de Cappuccino clássico. Sarah de Mochaccino com leite vegetal. Ele lia biografias. Ela, literatura russa. Ambos não gostavam de futebol ou esportes coletivos. Sarah, que foi ganhando intimidade, confessou seu desprezo por sapatênis. José Claudio riu, falou que ganhou um de presente do tio, mas que nunca teve coragem de usar. Saiu desse diálogo um primeiro e discreto emoji, aquele da carinha na diagonal dando uma gargalhada. “Um pouco de exagero, mas tudo bem” – pensou Sarah. “Pelo menos ele não ri com KKK”.

Após pouco mais um mês de conversas pelo WhatsApp, partiu de Cláudio o convite para um café. Ele sugeriu no sábado as 17h, numa cafeteria nova que abriu em formato de container. Sem pensar muito, Sarah aceitou. Com isso, no mínimo, a dívida com Betina estaria paga. O único que ela não previra foi o seu coração, que já estava encantado pelo tal José Claudio e acabou acelerando assim que topou o encontro. Um homem gentil, inteligente e respeitoso. Talvez o único homem do aplicativo que entende sobre bromélias e que esperou mais de um mês para propor um primeiro passo.

Enquanto se maquiava para o encontro, encarando o espelho, Sarah acabou por lembrar de algo preocupante. Ela tinha 1,74m de altura e se sentia incomodada com homens mais baixos. Lembrou que nunca havia perguntado a altura de José Claudio e tampouco havia essa informação em seu perfil. Por via das dúvidas, trocou o pequeno salto que escolhera por uma sandália rasteira. Perfumou-se, olhou pela última vez no espelho e, com um frio na barriga, saiu para encontrar o seu *date*, que prometeu buscá-la de carro.

Esperando em frente ao condomínio de casas, Sarah vê um carro preto se aproximar. Era um Chevrolet Camaro esportivo. Mau sinal. Quando o carro chegou, ela notou um aerofólio traseiro em forma de asas de morcego, remetendo ao carro do Batman. “Batmóvel”, pensou ela, pálida. José Claudio desceu do carro com um sorriso discreto no rosto, cumprimentou Sarah com um abraço acanhado e, educadamente, lhe abriu a porta do carona. Sarah estava tão em choque com o carro que não percebeu que o homem parecia mais bonito do que nas fotos. Também não reparou que ele passava com segurança de 1,80m. Reticente, dedicou três segundos de sua vida decidindo se entraria ou não no Batmóvel. Com o homem bem apessoado ainda segurando a porta, Sarah achou que era tarde demais para desistir de tudo. Lembrou-se por um segundo da genitália do velho barbudo e pensou que o que estaria por vir, poderia ser ainda pior. Sentiu raiva de Betina.

Sarah entrou no carro e um silêncio constrangedor tomou conta do ambiente. Reparou que ele era perfumado na medida certa. Um cheiro másculo com notas de carvalho

que maturavam na medida certa. Ele ligou o som e tocou uma música do Abba, que Sarah adorava. Ela estava atordoada entre o cheiro bom, uma de suas músicas preferidas e o fato de estar num projeto de carro de super-herói, todo em couro preto por dentro. José Claudio também usava uma camisa preta de gola rolê. Estava elegante. A curta viagem prosseguiu com timidez por ambos os lados.

O silêncio foi rompido quando estavam prestes a chegar no café. Foi Sarah que elogiou a *setlist*. José Claudio agradeceu com um sorriso discreto no rosto e disse: “que bom que você gostou”. Quando o carro estacionou e os dois saíram, ela aproveitou para conferir com o rabo de olho o aerofólio traseiro. Vai que ela havia se confundido. Porém, infelizmente, o acessório permanecia lá. E, com toda certeza, se tratavam de dois morcegos, que se alongavam para fora do carro sem a menor parcimônia. Um Camaro esportivo preto com o aerofólio em forma de morcego. “A chance de o proprietário de um veículo como esse ser normal é baixíssima” – refletiu, intrigada.

No café, ele lhe puxou a cadeira. Um homem à moda antiga. O ambiente era acolhedor e ornado com artefatos árabes e plantas jiboias que contornavam objetos e luminárias. A conversa começou a engrenar quando os dois já estavam sentados à mesa, iluminados por uma lanterna marroquina. Já haviam conversado há mais de um mês via WhatsApp, mas nada se comparava ao mundo analógico, com vozes, perfumes e olhares.

“As unhas estão aprovadas? Tive que deixar o sapatênis em casa” – disse José Claudio, quebrando o gelo.

Ponto para ele. A conversa fluiu bem e rendeu risadas e novas conexões. Sarah reparou que a ponta do nariz de José Claudio mexia de maneira fofa quando ele ria. Ele reparou em uma pequena pinta na parte inferior esquerda do queixo de Sarah. A conversa no Batmóvel durante a volta já foi outra. Divertida e cultural. Em um determinado momento, cantarolaram juntos a música *Dancing Queen*, do Abba.

Sarah dormiu confusa. Um homem bonito, gentil, elegante, perfumado. Culto e agradável. Por que diabos ele optara por transformar o carro dele em uma piada sem graça?

No segundo encontro, para evitar de ver o veículo burlesco, Sarah propôs marcar no próprio local. Um restaurante especializado em frutos do mar. José Claudio insistiu em buscá-la, mas Sarah foi irredutível. Foi de Uber e, durante o trajeto, refletiu sobre o Camaro exótico. Não conseguia tirar o fato da cabeça e se sentia sem jeito de tocar no assunto com José Claudio, que tampouco teceu qualquer comentário sobre o veículo. O encontro foi ótimo. Entre ostras e camarões, ele contou sobre seu treinamento de artes marciais em Seul, enquanto ela divagava sobre a passagem do tempo no livro *a Montanha Mágica* de Thomas Mann. “Eu vejo sem ver. Para mim, a escuridão é tão clara quanto a luz do dia. O que eu sou?” – comentou José.

O terceiro encontro foi num parque da cidade. Sarah, novamente, foi por conta própria. Lá estava José Claudio com o cachorro Bruce, um encanto de labrador caramelo, que fez Sarah se derreter inteira. Por lá, conversaram, trocaram confidências e caminharam de mãos dadas

enquanto comentavam sobre flores e árvores frutíferas. Bruce rolava na grama e seu pelo marrom brilhava refletido pela luz do sol. Discutiam sobre o mundo, sobre a riqueza e a pobreza. “Um herói pode ser qualquer um. Até mesmo um homem, fazendo algo tão simples e reconfortante como colocar um casaco em torno dos ombros de um menino para deixá-lo saber que o mundo não terminou” – filosofava José Claudio, arrancando suspiros de Sarah. Ao final do encontro, um beijo aconteceu. Um beijo perfeito, suave, no tempo certo, na quantidade de saliva ideal. O melhor da vida da mulher que voltou para casa nas nuvens.

Com borboletas na barriga, mas ainda profundamente incomodada com um carro que emulava o Batmóvel, Sarah decidiu maratonar os filmes do Batman. Ela tinha visto um ou outro, mas nunca havia ligado muito. Quem sabe, assim, conseguiria gostar mais do super-herói e passar a entender melhor a opção de José Claudio por um aerofólio daqueles. Com o balde de pipoca pronto, virou a noite assistindo *Batman Returns*, *Batman Forever*, *Batman Begins*, e mais uns trechos de Liga da Justiça e do Coringa. Alguns filmes até que eram interessantes, mas tinha bastante coisa sem graça por ali, sobretudo nas cenas de ação. Percebeu que parte das reflexões de José Claudio viam dos filmes. Algumas frases inteiras, inclusive. Naquela noite, chorou e sentiu raiva de si mesma. “Qual o problema de o homem gostar do Batman? Por que isso me incomoda tanto”?

Após mais um dia de reflexão regado a muito café, Sarah resolveu que o certo seria relevar o aerofólio ridículo.

A balança pesava muito mais em direção ao homem, com tantos predcados, do que em direção ao carro fantasioso que ele dirigia. Quem sabe ela não seria a mulher gato de José Claudio? Fez questão de que ele a buscasse para um novo encontro. Inclusive, optou por uma calça de couro preta.

Quando chegou o momento, Sarah se postou firme em frente à entrada do condomínio onde morava. O carro chegou. O Camaro preto, com o aerofólio traseiro em forma alongada de morcego. Sarah encarou com firmeza aquelas asas na parte de trás do carro. Viu a vida passar diante dos seus olhos. Viu a pequena Sarah, com seus sonhos de bailarina e tudo que percorreu até se formar como uma promissora médica. O vidro baixou e lá estava José Claudio. De preto, como sempre, segurando uma bromélia. Ele sorriu um sorriso discreto, de boca fechada. Sarah derrubou uma lágrima. Com a voz rouca, balbuciou um pedido de desculpa e retornou correndo para casa. Ligou chorando para Betina e provou seu ponto de que o uso de aplicativos para encontros é uma ideia descabida. Abraçou o gato Fiódor e, na sequência, devorou um pote sorvete de pistache. Apagou o aplicativo e jurou que não mais usaria nada parecido.

José Claudio, a bordo do Batmóvel, retornou velozmente para casa. Sozinho no carro, ele pilotava como ninguém. Era ágil e ousado. Refletiu que não era a primeira vez que esse tipo de rejeição havia acontecido, o que o deixava intrigado. “Todos nós usamos máscaras” – conjecturou.

10. SIRIS DE SOBREMESA

Dia de chuva em Florianópolis, capital de Santa Catarina. Era o décimo segundo dia de chuva consecutivo. Essa persistente precipitação mergulhava os moradores em uma melancolia profunda, privando-os da alegria de explorar as belezas naturais - o verdadeiro tesouro da ilha. Com suas quarenta e duas praias, a cidade ostenta uma vastidão de paisagens costeiras, embora eu, por hábito ou preferência, me veja frequentando sempre a mesma (e isso, raramente).

Estava há dias sem deixar o apartamento, focado em avançar com um livro que estava escrevendo com muito esforço. Percebi que os ânimos dos capítulos tinham ligação direta com o clima. Os últimos dois ficaram cinza, meio músicas da Legião Urbana. Poderia facilmente os ter nomeados de Diazepam e Sertralina.

Em uma cidade de natureza exuberante, o que se sente quando o clima está péssimo fica mais evidente. Ao contrário das grandes metrópoles como São Paulo, onde os dias cinzentos e chuvosos são parte da rotina, a aparição de nuvens em Florianópolis carrega um peso emocional mais intenso. Nessa ilha, o céu nublado corta o ânimo dos moradores com a precisão de uma faca japonesa afiada, deslizando sem esforço pela pele de um atum, destacando a diferença marcante no impacto que o clima pode ter sobre o espírito das pessoas em diferentes contextos.

Fechei o *notebook* e busquei uma capa de chuva que estava mofando no fundo do armário. Precisava sair de casa depois de tantos dias. Resolvi caminhar pela Lagoa da Conceição, sem qualquer objetivo. Pensei nuns vídeos recentes que vi de profissionais limpando atum para a preparação de sashimi. A facilidade e precisão dos cortes arrancando cabeça, escamas, rabo e vísceras. Será que eu poderia fazer igual? Tive a ideia de passar na peixaria, mas desisti no meio do caminho. Mais prático seria buscar um bom restaurante japonês para o jantar.

Continuei andando e acabei entrando num loteamento que dava acesso a algumas casas de luxo. Algumas de estilo americano, chiques, com grades coloniais, dois andares e pintadas de branco, o que trazia uma sensação de tradição. Outras de estilo contemporânea, com seus telhados retos, linhas simétricas e janelas amplas. Algumas bregas, como uma que dispunha de duas estátuas de guepardos vermelhos vigilantes no jardim. Outra parecia um templo gótico. Dinheiro e mal gosto pode ser uma combinação destrutiva.

Segui caminhando pelas casas, reparando em suas fachadas e seus jardins, quando percebi a chuva arrefecer. Removi minha capa de chuva, dobrei-a cuidadosamente e a acomodei sob o braço. À minha direita, um trapiche que dava acesso a uma parte escondida da Lagoa da Conceição. Eventualmente passava por ali quando precisava de paz. O trapiche, que servia para o ir e vir das lanchas que davam acesso às casas de luxo, estava vazio. A vista que ele fornecia era um pequeno colírio para os meus olhos. Desci o curto

lance de escadas e entrei no trapiche para admirar as águas calmas que dividiam seu espaço entre aves e peixes que davam pequenos saltos. Me perguntei qual a necessidade de os peixes pularem para fora da água. Não seria algo arriscado no meio de tantas aves? A evolução não deveria lhes ter ensinado uma lição? O que Darwin teria para me contar sobre isso?

Aquele lugar era mesmo muito calmo. Se eu soubesse meditar, com certeza seria o lugar escolhido, assim como também serviria para prática de *Yoga* ou *Tai chin chuan*, a milenar prática chinesa que se inspirou no movimento dos animais. Se eu fosse replicar os movimentos de um Louva-a-deus, certamente ali seria o lugar perfeito. Enquanto pensava nas utilidades do trapiche, e de todas as coisas que eu poderia fazer por ali, mas que nunca faria, vi a chegada de um homem simpático. Desceu sorrindo as escadas, de boné branco com propaganda de alguma empresa e segurando uma rede. O sujeito de aproximadamente sessenta anos se apresentou como Oswaldo e perguntou se eu me importaria que ele pescasse por ali. Falei que “de jeito nenhum, pelo contrário, seria uma experiência interessante acompanhar o trabalho de perto de um pescador”. “Ótimo” – disse ele. Apontou para alguns locais onde os peixes pulavam e falou que quatro tarrafadas seria o suficiente.

Seu Oswaldo disse que era manezinho da ilha, que é a alcunha denominada para quem, diferente de mim, nasceu em Florianópolis. São eles os nativos, descendentes dos açorianos portugueses que colonizaram a ilha, normalmente pescadores e gente simples, com seu jeito peculiar de falar,

o “manezês”. Enquanto preparava a rede para a primeira tarrafada, Seu Oswaldo engrenou uma primeira marcha e desandou a falar. Mencionou diversas vezes o falecido pai, exímio pescador, e me explicava passo a passo do que estava fazendo (sem eu ter pedido). No fundo, não estava achando ruim.

Lançou a primeira tarrafa e logo em seguida a puxou, devagar e com destreza. Parecia saber o que estava fazendo. Vieram dois peixes de pequeno porte que ele explicou serem Carapeva. Retirou os peixes da rede e os jogou em um balde verde, onde se debateram até asfixiar.

– Fritinho com “pirão de nailo” é uma delícia – disse ele, lambendo os lábios.

Recolheu o material e o preparou para o segundo lançamento, dessa vez no lado esquerdo do trapiche. Vieram dois siris. Eu, curioso, vendo os siris enrolados na rede, perguntei se não seria difícil retirá-los.

– É fácil. É só quebrar as “guerras” do bichinho.

Ouvi um “clack” quando o pescador arrancou as garras do bicho que ele chamava de “guerras”. Os siris foram lançados ao balde, junto com as pinças que não seriam desperdiçadas.

– Isso com uma caipirinha de limão é uma delícia – comentou, fazendo uma cara de satisfação.

No terceiro arremesso vieram mais duas Carapevas, dessa vez maiores. Seu Oswaldo mencionou um feijão d’água. Aquilo foi me dando uma certa fome. Em pouco tempo de pesca, já sabia bastante de sua vida. Que o pai era

o melhor pescador da ilha. Que ele estava aposentado da profissão de zelador e que sua filha insistia para que ele tivesse um celular, mas ele se recusava a ter acesso a tecnologia. Na quarta tarrafada veio mais um último siri, que teve também suas “guerras” quebradas e lançadas no balde verde, que ia se enchendo. Minha fome aumentava cada vez que o pescador falava das receitas simples que ele usava para preparar o peixe e o siri. A caipirinha foi mencionada algumas vezes. Percebendo meu interesse gastronômico, e com o horário chegando próximo ao meio-dia, ele me convidou para uma refeição em sua casa. Falou que a pesca havia sido suficiente para dois comerem.

– Se quiseres comer um peixinho fritinho... Moro aqui pertinho, *quiridu*, entendesse?

O convite, vindo de alguém que conheci a menos de vinte minutos, seria algo que eu nunca haveria aceito na minha vida. Sequer consideraria, até porque, sou tímido, solitário e um pouco antissocial como qualquer escritor. Não entendi na hora quando meu corpo disse sim. Quando caminhava ao lado do pescador para sua casa, pensei que o seu jeito simpático e inofensivo foi o que me levou a aceitar o convite. Já mais perto do caminho, imaginei que fui pescado pelo estômago, ao imaginar uma comida simples, fresca e bem preparada por um nativo. Ao entrar em sua casa, situada numa rua que ascendia em direção ao Morro da Lagoa, concluí que a promessa da caipirinha de limão selara minha decisão.

Entramos em seu casebre simples. Quarto, sala, cozinha e um banheiro. Era a clássica casa de pescador.

Feche os olhos e imagine a casa de um pescador e você vai saber exatamente do que estou falando. Muita madeira, ornada com conchas, redes, e umas fotos antigas da família, em preto e branco. Uma das fotos, a que estava no melhor porta-retrato, supus ser a do pai, o grande pescador e guia do meu novo amigo. A cozinha era pequena, porém tinha tudo no lugar certo, não faltava nada. Não havia armários com portas. As painéis estavam penduradas no teto e, abaixo da pia, uma cortina amarela clara guardava o resto dos utensílios. Quatro pratos e quatro copos ficam dispostos sobre uma prateleira, assim como uma garrafa de cachaça Velho Barreiro.

Seu Oswaldo começou pela caipirinha. Fez a receita dentro do próprio copo sem usar coqueteleira. Parecia saber o que estava fazendo. Limão cortado em rodela, misturado com açúcar, e prensado com um pequeno socador de pilão. Depois gelo, cachaça, umas voltinhas com a colher e pimba! Seu Oswaldo cumpria o que prometia. Estava deliciosa exatamente como vinha propagandeando. Saboreei a caipirinha de estômago vazio enquanto escutava o homem cozinhar e contar histórias da ilha, de seus familiares e de tradições manezinhas.

O cheiro bom impregnava a cozinha. O excelente anfitrião fez questão de preparar a segunda rodada de caipirinhas, que descia tão redondo quanto um suquinho de caju. Enquanto ele falava e meu estômago roncava, reparei em um quadro com três sereias pendurado abaixo da prateleira. Eram sereias com expressões diferentes. Uma tímida, de cabelos ondulados, que parecia reprovar o fato

das outras duas estarem com os seios livres. A do meio, parecia liderar o bando. Era séria, porém de olhar penetrante. Imaginei que seria ela a principal responsável pelo coro lírico e por seduzir os pescadores. A da esquerda, a mais morena, parecia achar graça da situação. A mão na boca tapando o sorriso mostrava que ela se divertia com a timidez da amiga de cabelos ondulados. Minha avaliação do comportamento do trio de serias foi interrompido com Seu Oswaldo servindo o prato feito na mesa de dois lugares. Salada de alface com tomate, arroz soltinho, pirão de nailo e peixe frito. Era de se comer rezando.

A fome era tanta, que dessa vez comemos sem conversar, sentados de frente um para o outro. Trocávamos apenas onomatopeias como “hummm” e “nhami”, enfatizando o maravilhoso sabor da refeição fresca e bem temperada. Reparei que o homem comia rápido e tentei acompanhar seu ritmo. De sobremesa, Seu Oswaldo serviu a última dose de caipirinha, com os siris capturados. Não sabia muito bem como comer, então fui seguindo o líder, que quebrava as patinhas e ia chupando a carne. Compartilhamos um pequeno martelo para quebrar as “guerras” e nos deliciamos com os pequenos habitantes da Lagoa da Conceição. Por um momento, fiquei triste por eles, mas tentei honrá-los comendo toda a carne sem desperdiçar nada.

Quando terminou a última “guerra de siri”, com o último gole da caipirinha de limão, o homem falou que iria buscar um negócio e já voltava. Nas palavras dele: “*quiridu*, vou buscar um negócio e já volto”. Fiquei imaginando o

que poderia ser. Um licor caseiro digestivo? Um chocolate? Uma foto da família com alguma história em particular para me contar? Esperei na cozinha observando o único quadro que havia, o famoso trio de sereias. Tomei um susto, pois as sereias das pontas mudaram de lugar. A morena da esquerda agora estava no lado direito, trocando de lugar com a tímida de seios cobertos. Ou será que havia visto errado? Deve ter sido impressão, afinal, nunca fui bom com esse negócio de esquerda e direita mesmo. Continuo até hoje me confundindo e entrando errado nas ruas conforme comandos de esquerda ou direita. “A outra esquerda” – não é raro me falarem.

Aproveitei para recolher os restos do siri e dar uma lavada na louça. Era o mínimo que eu poderia fazer após tanta gentileza. Achei estranha a demora do seu Oswaldo em retornar. Com a louça limpa e guardada, retomei meu lugar à mesa, aguardando o retorno do anfitrião, ausente há pelo menos quinze minutos. A casa não era tão grande para ele demorar tanto assim. Será que ele estava procurando alguma coisa? Sem saber muito o que fazer, resolvi encarar a sereia do meio. Além de muito sedutora, ela certamente guardava um segredo escondido por múltiplas gerações de sereias. Senti que se eu insistisse mais um pouco para o compartilhamento do segredo, poderia irritar a mulher-peixe, e acabaria entrando em uma enrascada. Como sempre fui de me manter longe de confusão, desviei o olhar. Tentei matar o tempo olhando outras coisas da cozinha, como o relógio de parede desbotado e o brilho das painéis penduradas, que refletiam os raios de sol do tempo que havia se aberto. A mudança de clima me fez lembrar da capa

de chuva. Procurei pela cozinha e não a encontrei. Deduzi que devia tê-la esquecido no trapiche do loteamento. Precisava ir buscá-la, mas não podia sair sem me despedir do Seu Oswaldo, que havia sumido há quase meia hora.

Meia hora? A demora me preocupou. Achei por bem procurá-lo pela casa, pois algo poderia ter acontecido. Passei pela sala, onde ele não se encontrava e titubeei em entrar no quarto, já que havia uma porta encostada. Resolvi que seria prudente entrar. Quem sabe ele estava passando mal após a combinação de caipirinhas com siris? Vai que algum dos siris estava envenenado? Entrei e vi Seu Oswaldo deitado de roupa, em cima da cama, e com o boné cobrindo o rosto. Os braços estavam retos, paralelos ao corpo. Um ronco baixinho confirmou que ele estava apenas dormindo. Fiquei acanhado e saí do quarto. Ponderei que, provavelmente, ele ficou sem graça de falar para eu ir embora pra ele descansar e usou um “buscar um negocinho e já volto” como o pretexto para tirar uma soneca. Agora já sei o que “buscar um negocinho e já volto” quer dizer. Pode me ser útil de alguma maneira.

Dei uma última olhada no quadro das sereias antes de partir. Como olhei rápido, tive a impressão de que a líder me deu uma leve piscadela, como que confirmando minha boa decisão em não haver insistido em absorver o segredo. Ótimo! Estávamos de bem um com o outro. Desejei que também estivesse tudo certo com a tímida e com a debochada. Saí feliz com a experiência e apenas um pouco constrangido por ter incomodado o Seu Oswaldo. Que gafe

a minha. Poderia ter me despedido e ido para a casa logo após os siris de sobremesa.

11. UM HOMEM SENTADO NO MEU SOFÁ

Chego em casa e me deparo com um homem sentado no meu sofá. Devo admitir que não estava esperando por essa. É um senhor de oitenta e poucos anos, magriço, com os braços compridos, e todas as rugas do mundo no rosto. Ele usa uma camisa social branca de manga curta com um furo de cigarro na altura do peito e uma caneta Bic no bolso. Tem uns fios esparsos de cabelo branco, um queixo protuberante bem marcado, e uma boca pequena com um bigode ralo. No bigode estão os últimos resquícios de pelos cinzas, já esparsos e amarelados, provavelmente por anos de baforadas tabagistas.

Não tenho a sensação de risco de assalto. O homem não deve estar armado e, mesmo se estivesse, não teria força para puxar um gatilho. Fico confuso sobre como ele entrou na minha casa, já que a porta não estava arrombada e precisei usar a chave para entrar. Por sorte, moro sozinho. Cogito então ser uma emergência, alguém em busca de ajuda, um velho saído de um asilo ou um louco de um hospício. Mas o homem não parecia passar mal. A bem da verdade, parece apenas ignorar minha presença.

– Com licença – tento uma introdução respeitosa, devida à idade do invasor.

Ele fez que não era com ele.

– Senhor, com licença – uso um pouco mais de rispidez. – O senhor está no meu apartamento. Mais precisamente, no meu sofá, caso não tenha percebido. Aconteceu alguma coisa?

Virando o rosto em minha direção, ele retira uns óculos do bolso da calça, franze os olhos e pigarreja. Depois solta o ar fazendo barulho. Um barulho meio cansado, de um ar que circulava com dificuldade pelas vias aéreas já meio entupidas.

– Senhor, tudo bem? – retomo.

O homem tira do outro bolso um pequeno livreto, que percebo se tratar de palavras cruzadas. Era Coquetel, nível médio. Do bolso da camisa, tira a Bic, retira a tampa e a devolve para o bolso. Ajeita os óculos, solta um novo pigarreio, aponta a caneta para o caderno, e me devolve.

– Prepara a terra para o plantio, três letras.

– Prepara a terra para o plantio?

– Sim, três letras, termina com A.

– Ara?

– Ara. Muito bem.

Até que não sou tão ruim – reflito.

– Mal educado, grosseiro. Nove letras.

– Hummm... Ríspido?

– Nove letras – repete sem muita paciência.

– Ignorante?

– Não encaixa. Começa com M.

– O senhor já deveria ter me dado a dica de início. Mal educado, grosseiro, nove letras, começando com M – repito.

– Mal criado?

– Mal criado. Encaixa. Muito bem.

Ele faz as devidas anotações, pigarreia, e solta mais uma.

– Mesa para celebrações religiosas. Cinco letras.

Antes que me deixasse levar pelo desafio, procuro retomar o assunto.

– Senhor, depois posso até voltar a ajudá-lo. Mas seria bom se me explicasse o que fazes no meu apartamento.

Ele enrola o livreto e devolve para bolso da calça, assim como a Bic para o bolso da camisa.

– Vou levando a vida – responde, coçando a lateral do bigode com o mindinho.

– Entendo. E levando a vida no meu imóvel?

– Aí já não é minha culpa. Mas, aparentemente, sim.

– Como assim aparentemente sim? O que o senhor faz aqui? Como entrou?

– Faço palavras cruzadas. Sobre como entrei? É difícil explicar, meu jovem. Mas... veja bem... como posso dizer? – o senhor pigarreia e, em seguida, coça novamente o bigode.

– Talvez você não entenda de primeira, mas agora moro

aqui. Porém, não se preocupe, é por um tempo só. Sou tipo um eremita. Só que um eremita que não controla seu processo migratório. De tempos em tempos, sou deslocado para uma nova morada.

– Como assim tipo um eremita?

– É. Tipo um eremita. Quem sabe até um eremita da consciência.

– Eremita da consciência? Isso só pode ser piada. De mal gosto.

– Todos acham isso. Alguns ficam revoltados, tentam me enxotar, pedem para eu sair, mas acabo voltando sempre para o sofá da sala. Não preciso de chave, entende?

– O que você quer dizer? Que o senhor atravessa paredes?

– Claro que não – ri o velho uma risada cinza, carregada. Apoia as duas mãos no joelho enquanto ri, como se precisasse conter o próprio corpo para não desmoronar. – Claro que não atravesso paredes. Quer dizer, não sei dizer muito bem. Só sei que sou sempre enviado para o sofá da sala.

– Sei... E por quem?

– Não sei bem dizer. Mas acho que por Ele.

– Ele? Ele quem? Deus?

– Como você quiser chamar... eu chamo de Ele. Três letras. E maiúsculo. E, pelo que vi, aqui você tem dois quartos. Um para cada um. Ficaremos confortáveis. Vamos sim ter que dividir o banheiro, mas sou de hábitos noturnos.

O serviço pesado faço na madrugada, não se preocupe. Eu como pouco, como você deve imaginar. Algumas folhas, um ou outro legume e deu. Ah, devo mencionar que adoro oleaginosas. Gosto de todas, mas sou fã de avelãs e castanha-do-pará. Se tiver dando sopa por aí, vou comer sem controle. Já me desculpo por antecedência.

– Não consigo acreditar – respondo perplexo.

O homem pigarreia, alonga as pernas, e se levanta fazendo um barulho horroroso, com diversos ossos estalando como se clamassem pela volta da cartilagem. Colocando a mão no meu ombro, ele me convida para sairmos juntos da casa. Vamos andando lentamente até a porta e saímos os dois. Com um gesto cansado, de quem já passou por isso inúmeras vezes, me orienta a chavear a porta. Passo a chave na porta e no trinco de cima. Ele se despede com um olhar sarcástico e desce pelo elevador. Quando retorno para casa, lá está o homem no meu sofá, com o Coquetel aberto e a Bic descansando na orelha.

– Mesa para celebrações religiosas. Cinco letras.

– Altar?

– Altar. Muito bem!

Antes que ele passasse para a próxima, resolvo prosseguir:

– Ok. Entendi. Agora você mora aqui e vamos dividir o banheiro por um tempo. Por quanto tempo em média normalmente o senhor fica?

– Difícil dizer. Geralmente é pouco, entre dois e três meses. Mas já fiquei dois anos no apartamento de um rapaz viciado em jogos de azar. Ele frequentava mesas de poker e bingos clandestinos. Tinha dias que voltava cheio de dinheiro. Comprava McDonalds e contratava garotas de programa.

– E... com todo o respeito... o senhor participava da festa?

– Com as meninas não. Já estou velho demais para isso, meu rapaz. Mas me entupia de nuggets enquanto via o homem se divertir com as meninas. Ele não era, digamos, tímido. Adoro nuggets.

– Bom, entendi. Aviso que por aqui o movimento é mais lento. Nem garotas, menos ainda, nuggets. Gosto pedir comida japonesa e escutar boa música.

– Comida japonesa não como a parte crua. Mas vou aceitar os rolinhos primaveras. O que você chama de boa música? Jazz?

– Exato. Jazz.

– Bill Evans? Michel Petrucciani? Thelonious Monk?

– Todos eles. Aparentemente, você gosta dos pianistas.

– Com certeza. Mas aprecio os instrumentos de metal também. Coltrane, Getz, Parker.

Comecei a refletir que não seria tão difícil dividir o apartamento com o Eremita da consciência.

E assim, os dias foram passando. De dia eu trabalhava. Pela noite, escutávamos jazz e jantávamos. Nas sextas, era dia de comida japonesa. Eu comia a parte crua, ele os rolinhos primavera. Dois rolinhos de legumes eram suficientes. Um ele comia, o outro guardava para tomar de café da manhã gelado no dia seguinte. Comia com muito prazer. Quanto comprava oleaginosas, realmente não duravam muito, com exceção dos pistaches, já que ele tinha dificuldade para abrir a casca. Conversávamos sobre jazz e as dinâmicas da vida. Falávamos de sincronidades e dávamos risada com as histórias que ele contava sobre as moradias passadas. Ela tinha algumas pérolas preciosas e sempre ria com as mãos no joelho, para não desmanchar. Todo o dia finalizávamos um livreto de palavras cruzadas. Com o passar do tempo, passamos do nível médio para o difícil. Não sei como ele comprava os livretos, já que nunca saía de casa, mas sei que sempre aparecia com um novo enrolado no bolso da calça bege.

Nossa convivência era suave e até agradável. A questão do banheiro, como ele bem adiantou, foi tranquila. Realmente era um homem de hábitos noturnos e silenciosos. Apesar de nunca trocar de roupa, era até bem higiênico e tinha cheiro de sabonete Phebo. Me contou que havia parado de fumar e que seu último cigarro havia sido o responsável pelo furo na camisa branca. Achava que não tinha mais responsabilidade para mexer com fogo e fumaça, devido à idade. Parecia ser muito auto consciente.

Um belo dia, cheguei em casa do trabalho e o eremita havia desaparecido. Sumiu sem deixar um único bilhete. Em

nossas conversas, me contou que não tinha como precisar quando seria o último dia, e que isso o chateava. Que nem pressentimento de quando estava próximo de se mudar ele poderia sentir, já que tudo dependia da vontade Dele. Ele, com três letras e E maiúsculo. Falou que, por isso, vivia apenas o presente. E que se forçava a falar tudo que sentia e que precisava ser dito, pois não saberia se teria uma segunda oportunidade. Uma vez falou que me amava. Me amava como um filho, como um irmão, e que eu era uma criatura merecida de ter sido agraciada com o dom da vida. Que eu era bom e generoso. Que eu era feio, mas que minha personalidade me tornava mais bonito. E que eu não deveria me preocupar com isso. Repetiu que me amava, e que eu era uma criatura merecida de ter sido agraciada com o dom da vida, seja lá o que isso signifique.

Hoje, enquanto degusto comida japonesa ao som de Bill Evans, reflito sobre a falta que ele me faz. Sinto falta da nossa rotina, dos pigarros, da risada intensa que fazia o corpo chacoalhar e das palavras cruzadas. Sempre que chego em casa e destranco a porta, imagino a possibilidade de o Eremita da consciência ter voltado a coabitar o meu lar. O imagino no meu sofá com sua caneta Bic. Não lembro de ele ter comentado sobre a possibilidade de voltar para uma casa que já habitou. Mas, vai saber... acho que depende um pouco Dele. Ele, com três letras e E maiúsculo.

OBRIGADO, *MERCI*

Em primeiro lugar, gostaria de te agradecer por ter lido os Contos cósmicos contemplando o cotidiano contemporâneo. Espero que a experiência tenha sido, no mínimo, agradável, como um suco de laranja fresco servido no café da manhã do hotel.

Em segundo lugar, sem abusar, queria te pedir uma gentileza. Nós, autores nacionais, contamos demasiadamente com nossos leitores para evoluirmos no universo das palavras transcritas da mente para o papel (ou, para o computador).

E como você pode ajudar nesse processo?

Elementar, meu caro Watson. Além de divulgar para os amigos, uma grande ajuda é fazer a avaliação do livro nas redes sociais e nas grandes livrarias online como a Amazon. Se puder escrever uma resenha, seria ainda mais eficiente. Uau! Sempre fico comovido e seriei grato por alguns minutos do seu tempo.

Deixo, portanto, alguns links que podem fazer a diferença:

[> Resenha/avaliação na Amazon](#)

[> Resenha/avaliação no Skoob](#)

[> Resenha/avaliação no Goodreads](#)

[> Link para o livro Olho da árvore no meu site](#)

[> Link para o meu site com todos os outros livros](#)

[> Link para o Podcast do Will, onde leio os meus contos](#)

Conto com seu comentário, avaliação, crítica e compartilhamento :)

Um grande abraço e meu muitíssimo obrigado. Amiga, você é mesmo uma amiga. Amigo, você é mesmo um amigo.

Nos vemos no próximo? Espero que sim.

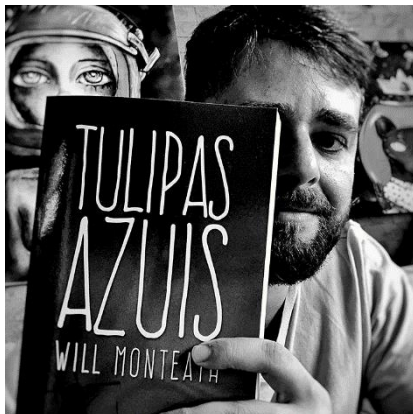
SOBRE O AUTOR

Will Monteath nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil, em 1981. É economista, headhunter, empresário e escritor. Vive atualmente com a esposa, duas filhas e dois gatos em Florianópolis, Santa Catarina. É autor de *Tulipas azuis*, *O headhunter que caçava Sonhos*, *Te apresento meu amigo*, *Foi lá em Copa*, *Contos antológicos para se ler em doses*, e *Todos os caminhos levam à Praia de Pipa*. Possui um estilo próprio com um olhar particular para o cotidiano e se inspira no realismo fantástico nipo-latino, desde Gabriel García Márquez até Haruki Murakami.

willmonteath.com.br

TULIPAS AZUIS - 2017

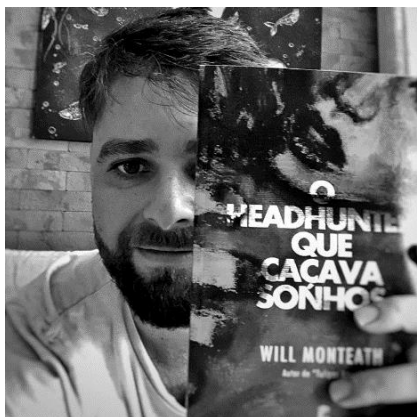
Dolf Van Haarlem é um rabugento pintor holandês que sempre sonhou em viver da sua arte. Pressionado por sua bela esposa a sair de férias, ele deixa sua galeria sob os



cuidados de um recém-contratado vendedor italiano e sua vida muda completamente. Agora rico e com prestígio, Dolf não sabe como lidar com a fama. Em meio a uma vida tomada por exageros, conseguirá ele superar os conflitos em família e a ambição de um manipulador que quer ditar as regras de sua carreira?

É o que você vai descobrir nesta trama irresistível com toques de arte, humor e gastronomia que se desenrola entre os moinhos e canais de Amsterdam.

www.willmonteath.com.br/tulipas-azuis



O HEADHUNTER QUE CAÇAVA SONHOS - 2018

Simon Gambler é um bem-sucedido headhunter de uma empresa multinacional londrina. Acostumado à rotina de um executivo de sucesso, sua vida muda por

completo quando ganha de presente um livro que ensina a controlar e a desfrutar o mundo dos sonhos. Conforme vai evoluindo na arte do sonho lúcido, Simon acaba conhecendo seu alter ego, Bennett, responsável por virar sua vida de ponta-cabeça, envolvendo-o em romances, mistérios, assassinatos e em diversas aventuras com personagens famosos, que vão desde Nelson Mandela até o cantor inglês Morrissey. Conseguirá Simon retomar o controle da situação, distinguir com clareza os dois mundos e solucionar o misterioso assassinato de seu companheiro de trabalho?

É o que você vai descobrir ao ingressar na fantástica viagem de Simon e Bennett pelos universos acordado e onírico, com a cidade de Londres como pano de fundo.

www.willmontearth.com.br/headhunter

TE APRESENTO MEU AMIGO - 2020

Falco Fouché é um adolescente belga que ajuda os pais em uma tradicional loja de chocolate. Gaspard Marion é um anão francês, recém-saído da prisão. Charlotte Branford é uma poetisa inglesa que desponta com veemência para o anonimato.

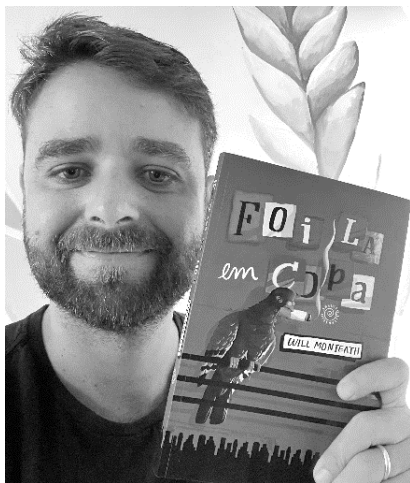


Uma garrafa de um exótico vinho branco grego é responsável por unir as inusitadas personalidades em uma viagem improvisada pela Europa, que começa em Bruges e termina em Santorini.

Conseguirão os amigos encontrar o raríssimo vinho Palió Kólo responsável pelo sucesso das trufas de chocolate branco?

Entre caronas, encontros, mistérios e desencontros, Te Apresento Meu Amigo é uma leitura leve, aventureira, elegante e faceira, que fala, com poesia e simplicidade, sobre amizade.

www.willmonteath.com.br/amigo



FOI LÁ EM COPA - 2021

Café, pão de queijo, mate com limão, tequila, Antarctica Original e guaraná. Orla Burle Marx, pombos (muitos pombos), idosos, marombeiros e pivetes. Ultraje a Rigor, Cazuza, Paralamas, Engenheiros do Hawaii e Legião. Vince, Keko, Dona Zezé, José Miguel, Stefano e o pombo Almir.

Bunker 94, Cabral 1500, Canadian Videos, Academia Roxy, Lick's Bar e Guido de Fontgalland. Bandeirante Borba Gato, Parabéns pra Você, Zelda, sexo, truques de mágica e Vasco da Gama. Cocoon, Rocky IV, Back to the Future e o VHS Clube Copacabana. Woody Allen com Almodovar. Paris com Gotham City. O bizarro com o cotidiano. Pelado, nu com a mão no bolso.

Três contos fluidos sobre uma Copacabana que você nunca imaginaria ver. Com uma tempestade de referências, os contos homenageiam o bairro em que o autor viveu durante os anos 80, 90 e 00. "Foi lá em Copa" é uma coletânea dos contos "Clube Copacabana", "Keko de Copacabana" e "Dias de Zé".

www.willmonteath.com.br/copa

CONTOS ANTOLÓGICOS PARA SE LER EM DOSES - 2022

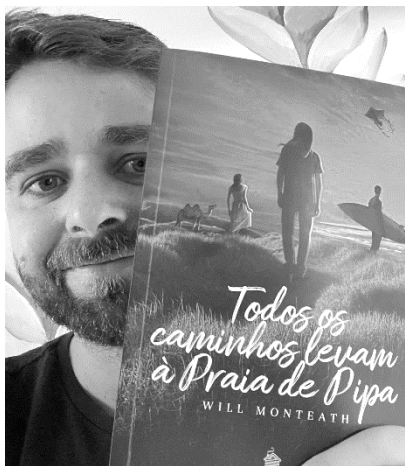
Dez contos antológicos para serem apreciados com tranquilidade, na ordem proposta, fora de ordem, ou como se achar melhor.

Preferencialmente em doses de 50 ml, no fim de tarde, mexendo o gelo do copo com o dedo.

São eles: Zum zum e mel / Madrugada de intenções / Bourbon com alecrim / Dragão enjaulado / Reino da Dinamarca / A entrega (para o bem maior) / Eu, o Homem Pombo / Quadro de hotel / A vingança dos monópodes / O dia em que Murakami me visitou.



www.willmonteath.com.br/contos-antologicos



TODOS OS CAMINHOS LEVAM À PRAIA DE PIPA - 2023

Três personagens inusitados têm seus destinos entrelaçados no pedaço de paraíso do Rio Grande do Norte. Uma executiva pós síndrome de burnout à procura de autoconhecimento. Um surfista mudo que ganha a vida de uma maneira polêmica. E um médium charlatão, que após uma ressaca, encontra na praia um camelo perdido com poderes de cura. A vida dos três vira do avesso quando se mudam para a praia de Pipa. Conseguiram eles ressignificarem suas existências e resolverem seus dilemas internos? Qual segredo guarda o animal sagrado?

Com o camelo curandeiro como peça-chave do enredo, o livro narra três histórias de evolução que se cruzam entre doses de humor, sexo, solidão e mistério.

www.willmonteath.com.br/pipa

■ ■ *Quer me escrever e saber mais sobre meus livros e contos surrealistas? Perfeito, é só enviar um e-mail para:*

willmonteath@gmail.com

■ ■ *Quer me stalkear e saber mais da minha vida entre livros, crianças e gatos? Muito simples, me segue nesse perfil aqui:*

[instagram.com/willmonteath](https://www.instagram.com/willmonteath)

■ ■ *Quer me dar aquela força?*

É só espalhar resenhas dos *CONTOS CÓSMICOS* pela Amazon, Skoob, Goodreads, Instagram e Youtube =)

■ ■ *Quer conhecer mais sobre meu trabalho?*

Visite meu site, veja meus outros livros e se cadastre na newsletter do Will.

willmonteath.com.br



Todos os meus livros estão disponíveis na [Amazon](https://www.amazon.com).